O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Thomaz Christo

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.

Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

ANNO XXVIII | AVEIRO, 28 DE NOVEMBRO DE 1909 | N.º 1:336

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.

Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Factos e Criticas

Terminou o julgamento dos incendiarios da Magdalena. O Leandro foi condemnado. E soffreu maior condemnação que o Fernandes. Fez-se justiça.

Não o esperavamos, confessamos. Sabiamos que era grande—e bem o prova o enorme successo que tem tido e continua a ter o *Povo de Aveiro*— a reacção contra a infamissima quadrilha republicana. Mas não suppunhamos que ella chegasse a ponto de resistir a todas as torpezas, corrupções, alcavalas, influencias de toda a ordem que se pozeram em exercicio no julgamento do Leandro.

Porque houve de tudo. Houve a desaforadissima, a descaradissima, a indecentissima propaganda da imprensa, distinguindo-se n'esse desaforo e n'essa indecencia, como de costume, a imprensa republicana. Houve a tentativa de corrupção sobre jurados, juiz, delegado do procurador regio e testemunhas. Offereceu-se dinheiro aos jurados, ao juiz, ao delegado do procurador regio e ás testemunhas. Alem de se tentar comprar por dinheiro a testemunha, o jurado, o juiz, o delegado, recorreu-se á blandicia, á empenhoca, por fim á ameaça e á injuria. N'uma palavra: não houve nada a que não se recorresse para libertar o Leandro da Penitenciaria.

Quem se vendeu? Quem não se vendeu? Ignoramos. Quem cedeu á suggestão politica, á empenhoca, á ameaça, á injuria? Não sabemos. Que mais do que um se vendeu, é certo. Que mais do que um cedeu á pressão do empenho ou do medo, á suggestão pessoal ou á suggestão politica, é certissimo. Que todos esses, sommados, não deram o numero ou a influencia necessaria para o Leandro ser absolvido é que é, tambem, incontestavel.

Ainda bem. E ainda bem por muitos motivos. Por um lado, o caracter portuguez deu uma prova de resistencia que constitue um alento e uma esperança para os que estavam a ver isto perdido. Por outro lado, a quadrilha republicana perde terreno no seu proprio foco, no seu baluarte de Lisboa.

Porque, afinal, a questão do Leandro converteu-se n'uma questão republicana. Desde que appareceu oiro, as indignações republicanos, como succede sempre em casos taes, desappareceram. O Leandro dava contos de réis a dois matulões que são corypheus da grande quadrilha. O Leandro dava centos de mil réis, *pelo menos*, ás gazetas mais *revolucionarias* da mesma quadrilha. O Leandro, que assentou praça no partido sob os auspicios e a conselho do Alexandre Braga e do Cunha e Costa, tinha promettido todo o seu auxilio monetario a favor dos manejos secretos do grupo Grandella-Affonso Costa-Margarido. E isso bastava para que cessassem todas as lagrimas de crocodilo que os miseraveis jornaliqueiros da republica haviam vertido sobre as victimas do terrivel incendio da Magdalena. O Leandro, em vez d'um scelerado da peor especie, passava a ser um martyr virtuoso.

Confiados absolutamente na vergonhosa abdicação do jury, estonteados com o successo com que até hoje teem manejado tyrannicamente as multidões em Lisboa, com o impudor, que d'esse successo lhes resultou, as gazetas republiqueiras, e os dois advogados Alexandre Braga e Affonso Costa, tiveram, ainda que o quizessem até certo ponto, isto é, hypocritamente occultar, a suprema imbecilidade de fazer do crime do Leandro, como fizeram do crime de Cascaes, uma questão republicana. De forma que a condemnação que o tribunal da Boa Hora acaba de lavrar, e os applausos com que foi recebida pela enorme maioria de Lisboa, a alegria com que as camadas populares a festejaram, constituem um cheque formidavel na grande quadrilha.

Isto evidentemente. E' d'aquellas coisas que se impõem á razão de todos por si mesmas. Ou o Leandro fosse condemnado, ou o Leandro fosse absolvido, o cheque nos republicanos existia. Se fosse absolvido, existia pela corrupção que o caso da parte d'elles demonstrava, pela irritação com que essa impunidade ia exacerbar o animo já muito mal disposto das pessoas honestas d'este paiz, que ainda são muitas, e pela decepção nas proprias classes proletarias. Se fosse condemnado, ao effeito da corrupção, da desvergonha, que ficaria subsistindo em qualquer circumstancia, juntar-se-hia o effeito do insuccesso, sempre desprestigioso e deprimente.

Foi uma asneira monumental, essa dos republicanos pôrem o Leandro sob a sua protecção. E nós logo de principio aqui o dissemos. Logo de principio! Leiam os primeiros artigos publicados, ha mezes, no *Povo de Aveiro*, e verão.

Uma asneira! Nós dizemos uma asneira! Que ingenuidade! Como se houvesse asneiras quando é o oiro, a sede do oiro, a ganancia, que move os individuos nos actos que praticam! Porventura, diz-se d'um ladrão que é um asno?

Os chefes republicanos, como todos os criminosos, são arrastados pela sua indole pervertida. Esse é o facto positivo.

Chamaram a si o crime do Leandro, porque são infames. Porque não teem senso moral. Porque não teem o minimo escrupulo. O crime do Leandro, o crime do Guimarães, como anteriormente tinham chamado a si os crimes do Pechuga, do Petiz das Gravatas, do Pintor, do Petiz dos Cordões, do Affonso Costa, do Cunha e Costa, do Arthur Leitão, do Padua Correia, do Trinta, do Ribas d'Avellar e muitos outros.

Mas a reacção faz-se, emfim. Levanta-se contra elles a consciencia publica, emfim. Emfim!

O Leandro foi condemnado e, a não admittirmos a theoria anarchista, muito bem condemnado. Como se sabe, para os anarchistas, com quem os republicanos fazem em Portugal causa commum, os assassinos, os ladrões, os malandros da peor especie, nunca deviam ser condemnados. Condemnado, nós, como jornalista! Condemnado, o João Franco, como estadista! Condemnado, o D. Carlos, como rei de Portugal, e seus filhos, que não tinham ainda rosponsabilidade alguma no governo!

Mas o Leandro? Mas o Guimarães? Irresponsaveis, coitadinhos! Haja piedade, haja amor a cercar os assassinos!

D. Luiz Filippe era filho de D. Carlos? Morra! Esse já não era irresponsavel. Tinha a responsabilidade ... de ser filho de D. Carlos!

D. Manuel é rei de Portugal? Morra! Não é irresponsavel. Tem a responsabilidade ... de ser rei de Portugal!

João Franco attentou contra a *libardade*? Morra! Não é irresponsavel. Era atrabiliario? Era de temperamento auctoritario? Pois não é irresponsavel. Morra, que é tyranno!

Ousamos nós chamar canalhas aos republicanos? Ousamos provar que são canalhas? Ousamos deixar aqui patente, com factos incontestados, as ladroeiras do Affonso Costa, do Cunha e Costa, do Arthur Leitão, de tantos outros? Jurámos guerra sem treguas e sem quartel ás quadrilhas politicas? Morra o director d'este jornal! A' morte, que não é irresponsavel!

Irresponsavel é o Leandro! Incendiou? Queimou? Matou? Mesmo assim ... deveria ser absolvido. A sociedade não tem o direito de punir!

O assassino tem o direito de matar. O ladrão tem o direito de roubar. O assassino, o ladrão, e ... o anarchista em geral e o republicano portuguez em especial. Mas a sociedade ... não tem o direito de punir! Que grande sucia de patifes!

A sociedade não pode applicar a pena de morte. Mas elles podem! E se a sociedade corresponde com a pena de penitenciaria, como agora, e pena maxima, a um crime monstruoso ... que horror!

Esta é a theoria do anarchismo. Esta é a theoria da republica portugueza. Verdadeira theoria de sancção do crime. Negação de justiça social. Sancção do *crime* e da justiça *individual*. Castiga o anarchista. E castiga ... matando. Sacia o assassino as suas paixões ou a sua perversão. E sacia ... matando. Mas a sociedade ... não tem o direito de punir.

Que grande sucia de patifes!

Esta é a theoria do anarchismo, esta é a theoria da republica portugueza e vae fazendo caminho. Ora contra ella se deve erguer bem alto a voz do senso commum, quando se lhe não possa ou não deva chamar, em absoluto, a voz da justiça.

Na verdade, o criminoso, o vicioso, nem sempre teem a culpa de serem criminosos e viciosos. Mas se *nem sempre* a teem, *algumas vezes* a teem. Está provado que a vontade exerce uma acção salutar quando *salutarmente se emprega* e que a vontade se pode educar no sentido de vencer disposições natas para o vicio e o crime. Está provado que um meio são pode corrigir doentias hereditariedades ou perversões do organismo. Ora basta isso para que a repressão se torne necessaria como o mais poderoso motor da vontade. A influencia da repressão sente-a cada um de nós, em si, a toda a hora. Cada um de nós faria muitas coisas que só não faz porque sabe que lhes *viria mal* de as fazer. Os da theoria da piedade absoluta, do perdão absoluto, são simplesmente idiotas. Mas supponhamos, por um instante, que o criminoso e o vicioso não teem meio algum de se emendar e que hão de ser *fatalmente e em qualquer circumstancia* criminosos e viciosos. Que culpa teem d'isso os homens sãos? Não se hão de defender, por isso, os homens sãos?

Porque mata o tigre? Não é porque a natureza o fez assim? O tigre tem culpa? E como nos livramos nós do tigre? Se não matarmos o criminoso, como matamos o tigre, e o alimentarmos e vestirmos n'uma prisão, fizemos a favor do homem, ou da *dignidade da especie*, a maxima distincção que entre a fera humana e a outra se pode fazer.

Porque comemos nós a ovelhinha mansa? Porque matamos e comemos o cordeirinho innocente? Porque sacrificamos a gallinha, o coelho, a pobre avesita que são tudo quanto ha de mais pacifico? A primeira obrigação do desavergonhado do demagogo que prega a impunidade do bandido é ser coherente. E para ser coherente tem o rigoroso dever de começar ... por morrer de fome.

Que a sociedade portugueza, levada, arrebatada por uma onda de dispauterios, *tome pé*. Que tenha juizo. Que adquira a noção da realidade. Que faça propaganda intensa contra a asneira. Que não dê foros de pontifices aos asnos, porque os asnos sabem architectar umas phrases nas gazetas. Abaixo esse falso respeito pelo *pateta intellectualisado*. O Leandro foi muito bem condemnado, e o recurso que ha contra Leandros, Fernandes e quejandos, por mais piedade que exista dentro em nós, é ... enforca-los ou mette-los na Penitenciaria. Concordamos que enforcar seja duro ou cruel. Sejamos piedosos. Então, que tenham paciencia e que entrem na Penitenciaria. E desde que não ha forca, e se lhe dá penitenciaria em vez de forca, só uma razão de queixa os homens bons e honestos lhe podem admittir: a de não entrar com elles n'uma cella o Cunha e Costa e o Alexandre Braga.

N'isso teem muita razão. A grande injustiça, a grande infamia social, n'este paiz, é deixar á solta o Cunha e Costa, o Affonso Costa, o Arthur Leitão, o Padua Correia, o Margarido, toda a sucia, e metter na Penitenciaria o Fernandes, o Leandro e outros criminosos muito menos prejudiciaes ao povo portuguez em especial e á humanidade em geral.

Isso é uma infamia. Uma grande infamia. Isso é uma grande injustiça. Uma tremenda iniquidade.

Emquanto o Affonso Costa e bandidos politicos de tal laia não forem fuzilados, todos os outros criminosos tem direito a clamar contra a Penitenciaria.

Se é por esse lado que os humanitarios protestam, juntem aos seus, desde já, os nossos mais vivos, os nossos mais energicos protestos.

Povo de Aveiro

Varios assignantes se teem queixado de não haverem recebido este jornal. Essas faltas são devidas em grande parte aos correios, que estão n'um relaxamento intoleravel. O serviço dos correios, só por si, bastaria para tirar a este povo todo o caracter de povo civilisado. Mas, para ser justo, devemos dizer que nem só os correios teem a culpa. Infelizmente, como já dissémos, na ausencia do director do *Povo de Aveiro* ficou aqui uma cambada que nos ia atirando com isto tudo de cangalhas.

Mas, felizmente, o director do *Povo de Aveiro* já cá está. E é *tyranno*. Tyranno é ser intransigente com os bebedos, com os pulhas, com os mandriões, com os relaxados.

Já cá está o director do *Povo de Aveiro*. Podem ter todos a certeza de que isto vae entrar na ordem.

Muito grave

Sentimos muito ter de dizer ao sr. dr. Silva Monteiro que está em erro, em completo erro, quando affirma que *nunca teve conhecimento, nem directo nem indirecto,* do facto aqui referido.

Em completo erro!

Foi sua excellencia mesmo quem interrogou o individuo que falou no caso do outro ter exclamado, ao receber a noticia da morte de D. Carlos: *Ah, valente Buissa!*

Foi sua excellencia mesmo!

Aqui ha dois pontos muito graves, ou, antes, um ponto grave e outro *muito grave*. O ponto grave é o sr. dr. Silva Monteiro ter ouvido, como juiz d'instrucção criminal, uma revelação d'excepcional importancia, *sem ter feito caso d'ella*. O ponto *muito grave* é sua excellencia dizer agora, *da maneira mais solemne e positiva*, que não ouviu coisa nenhuma.

Isto é muito grave!

Da maneira mais solemne e positiva estamos nós auctorisado a dizer á justiça, se ella quizer sabe-lo, o nome do individuo que depôz perante o sr. dr. Silva Monteiro. E *da maneira mais solemne e positiva* o deixamos aqui declarado.

Esse individuo não foge. Esse individuo está prompto a todas as provas e confrontações. Logo ... não pode haver duvida sobre a verdade das suas affirmações. Pois não é facilimo averiguar se elle depôz ou não depôz perante o sr. dr. Silva Monteiro e se elle disse ou não disse o que nós mencionámos? Facilimo. Mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo. Bastará ouvi-lo, para concluir logo, ás primeiras palavras, e pela fórma porque expõe e faz as suas affirmações, se sim ou não está dizendo a verdade.

Mas ha mais e muito melhor.

O individuo, a quem nos estamos referindo, não se limitou a expor os casos já por nós citados. Contou ainda, ao sr. dr. Silva Monteiro, que o tal do: *Ah, valente Buissa!* lhe dissera o seguinte:

Houve uma reunião em que se resolveu matar o João Franco. Reunião a que elle, o tal do *Ah, valente Buissa!* assistiu. Foi o Buissa, com o seu grupo, o encarregado de matar o João Franco. O Buissa acceitou. Sahiu. Mas, voltando atraz, declarou que preferia matar o rei. E os da reunião concordaram, ficando de encarregar outros de executarem o João Franco.

Tudo isto foi contado ao sr. dr. Silva Monteiro, que, por signal, pediu a quem lh'o contou que lhe soubesse do paradeiro do. . . *Ah, valente Buissa!* O declarante soube-o. Disse-o ao sr. dr. Silva Monteiro. Mas. . . nunca o sr. Silva Monteiro o intimou, *o tal*, a comparecer. Nunca o sr. Silva Monteiro o quiz ouvir.

Porquê?

Tudo isto pode ser um *romance*. Uma das *hisiorias das mil e uma noites*. Mas, em primeiro logar, não o parece. *Parece precisamente o contrario*. Em segundo logar, ainda que o parecesse, nada justificaria o procedimento do juiz d'instrucção criminal em negocio, não já grave, mas gravissimo.

Porquê, porquê? Porque não inquiriu o sr. Silva Monteiro o homem que exclamou: *Ah, valente Buissa?*

Teve medo? Não sendo uma razão admissivel, nem mesmo decorosa, é, ainda assim, a mais decorosa das que se podem admittir.

Tudo treme com medo para ahi. Tremem os juizes, tremem os ministros, tremem os empregados do Paço, treme tudo. Os que não tremem, são cumplices. Os que não são covardes, são traidores, são corruptos, uns biltres sem caracter, sem convicções, sem uma unica qualidade que os recommende ou os distinga.

Seria um romance, sr. Silva Monteiro. Seria uma das historias, das muitas historias das *Mil e Uma Noites*. Ainda que fosse a verdade poderia não se chegar a concluir coisa nenhuma. Mas o facto de v. ex.ª não interrogar o homem é tão extraordinario, que até sendo um erro . . . é um crime.

Seria historia. No emtanto, o que nós *lhe podemos garantir* é que o homem, o tal homem, conhecia todos os pormenores e episodios de *la journée du vingt huit*, como elles dizem.

E seguem duas cartas interessantes que, relativas ao assumpto, recebemos.

No ultimo numero do seu brilhante jornal — que não é bem um jornal mas uma clava formidavel, de finissima tempera e brandida por mão de mestre—offerece V. ao juiz d'instrucção criminal uma pista, que pelo juiz da Meda foi desprezada, e que seria o fio conductor para se esclarecer o hediondo crime do regicidio no brado espontaneo, que um qualquer sujeito soltou ao receber na cama a noticiar do crime, *ah! valente Buissa!!*

Pois se V. não está ainda plenamente convencido de que houve, ha, e haverá sempre o firme proposito de se não fazer luz n'esse horrendo attentado, aqui lhe apresento uma pista bem mais positiva, bem mais preciosa e segura, se V. entender que vale a pena offerecela ao tal juiz.

E' a seguinte e pode crer que é authentica e verdadeira.

O celebre Aquilino, a quem V. tambem já se referiu, e que foi tirado da esquadra da policia para um automovel, escreveu n'essa occasião uma carta para a terra da sua naturalidade a um amigo e socio nos ideaes em que lhe narrava a façanha da fuga, e fazia uma troça descabelada, e bem merecida, valha a verdade—á policia, em *cujas barbas*, disfarçado com a blusa d'operario e com as mãos sujas de carregador, passeava tranquillamente pelas ruas de Lisboa, em quanto eram expedidos para toda a parte telegrammas e retratos para a captura d'elle, e accrescentava—"O rei é fatalmente morto no regresso de Villa Viçosa, queria eu atirar-lhe mas como não confiam na minha pontaria, é meu compadre Buiça quem lhe atira." Isto é textual e foi escripto oito ou dez dias antes do crime—e já era conhecido o processo, a arma e os agentes: e dizia-se não confraria!!! quem? os que compraram a clavina e o revolver, os que emprestaram o varino, os que planearam o crime e a elle se associaram atirando sobre o coche real, e que muita gente conhece, mas que ninguem se atreve a nomear, tão alto estão collocados. Não creia V. que por esta não levar assignatura, haja aqui a menor inexactidão ou mentira de que é incapaz o

De V.

Leitor e scincero admirador.

—†—

Na tarde do regicidio um engenheiro, cujo nome ignoro, dirigindo-se ao M. das O. Publicas para fallar ao sr. Fernando de Sousa, passou por defronte do Municipio e viu um homem saltar para um trem que estava parado, e, sem trocar palavra com o cocheiro, o vehiculo seguir rapidamente.

Por acaso fixou o n.º do trem.

Pouco depois observava gente que corria em varias direcções, sabendo então da tragedia.

Horrorisado contou isto ao F. de Souza que o incitou a ir revelar o facto ao juiz de Instrucção Criminal.

Negou-se o homem sob o pretexto de não desejar que o incommodassem.

Mas o F. de Souza, e muito bem, communicou-o ao Juiz alludido, sendo o engenheiro chamado.

Interrogaram-n'o sobre varias coisas e quando o despediram notou que, afinal, da unica coisa que observára nada lhe haviam fallado.

---- "Que não valia a pena, estava já o auto a encerrar-se e era maçada alem de não ter importancia alguma o facto„.

Não será este um caso analogo ao exposto pelo *Povo de Aveiro* sob o titulo *Um caso grave?*

Mas o F. de Souza ahi está vivo e elle, que não mente, porque é um homem de bem, poderá dizer se o facto é ou não verdadeiro.

Semana Lisboeta

Athmospheras

Mudou o tempo. Diminuiu a chuva e augmentou o frio. O bom alfacinha desce o Chiado mettido num confortante sobretudo e a dama rica envolvida em deliciosas pelicas que são de lontra, quando não são de lebre. O indispensavel cão de luxo acompanha as aristocraticas senhoras vestido á europeia. Os gatos, nos telhados, cantam poemas de amor, e para as janellas onde se debruçam divas enviam os namorados madrigaes.

Lisboa desceu, com a civilisação. Ao brilho exterior corresponde no interior um vacuo immenso. Acompanhou os progressos materiaes da civilisação moderna e é hoje uma cidade commoda e bonita. Mas no fundo permaneceu futil como as mulheres formosas, banal e frivola e inferior e estupida. Vive-se aqui uma vida pôdre de sensualidade. Cultiva-se o vicio, requinta-se a luxuria. Mas não se debate n'estes cerebrosinhos um pensamento grande e não ha um grande sentimento que os domine. Tudo é corrupto, prostituido e falso. Desconhece-se a sinceridade e se apparece uma perola que irradie bondade, um diamante raro que fulgure talento, os maus e os imbecis, a vulgaridade desta terra, afogam-no em ondas de lama ou esmagam-no pela brutalidade do numero.

Apontam-se talentos aos milhões e a nossa vida intellectual é chata como folha de Flandres. Alardeia-se coragem, joga-se o florete, disparam-se pistolas, e qualquer *valiente* se curva de corrida perante as tôrpes exigencias da canalha esfarrapada ou da canalha com brazões. A turba manda, a turba domina e esmaga. E não ha a coragem d'um gesto irreverente para responder á turba, não ha uma consciencia honesta que tenha um grito de independencia e de verdade, um berro de alma para desprezar a multidão ignara, elevando a propria alma.

Tudo é falso, superficial e vão. Dá-se á mentira apparencia de verdade, mascara-se o vicio, á infamia chama-se virtude, excommunga-se a postituta, insulta-se o bordel e comtudo nesta sociedade a prostituição é a regra, a probidade a excepção.

Tudo mentira, mentira, só mentira.

†

O incendio da Magdalena

A sentença do tribunal que julgou os accusados do incendio da Magdalena produziu na opinião publica agradavel impressão e por pouco se não dançava nas ruas e se não punham luminarias nas janellas.'

A noite de terça-feira foi para o bom povo de Lisboa, como costumam chamar-lhe as gazetas vermelhas, noite de festa.

Ha quem tenha vivido profundamente n'essas horas.

†

Pela Instrucção

Vae-se trabalhando alguma coisa pela educação em Portugal. Abrem-se escolas, fazem-se conferencias, organisam-se congressos. Parece que se comprehendeu, emfim, a necessidade de educar este povo. Para isso contribuiu, em grande parte, a inexgotavel tenacidade do director de *O Povo de Aveiro*, que durante annos e annos consecutivos empregou o melhor da sua actividade na

propaganda da instrucção popular, quer pela palavra, quer pelo exemplo, prestando valiosissimos serviços ao povo ignorante.

Com o fim de crear escolas livres, compativeis com o progresso das idéas, em harmonia com os processos da pedagogia moderna, assentes em bases novas, tendo por fim o desenvolvimento integral da creança, creando cerebros sãos e caractéres fortes, fundou-se em Lisboa o *Gremio de Educação Racional* que deu já inicio ás conferencias de propaganda, e que é constituido, na sua maior parte, por elementos dedicados e intelligentes, contendo entre os seus membros creaturas de verdadeiro e real valor e de indiscutivel competencia pedagogica. Parece-nos, no entanto, que o *Gremio de Educação Racional* commetteu um grave erro não acceitando entre os seus o sr. dr. João de Deus Ramos, que por um dos membros do referido grupo foi proposto, pois o infatigavel propagandista da instrucção popular, que alem de intelligencia de largo alcance é um caracter limpido e generoso, tendo dedicado á continuação da magestosa obra de seu pae a melhor da sua energia e do seu talento, só podia prestar ao *Gremio de Educação Racional* serviços importantissimos e a sua indiscutida competencia em questões pedagogicas devia ter bastado para que os que se propõem fazer uma boa obra não desprezassem o seu concurso. O *Gremio de Educação Racional* começou por dar uma lamentavel prova de sectarismo excluindo da panellinha quem, não receando definir-se nas occasiões solemnes, tem tido a coragem de resistir a seducções de partidos e partidelhos varios, recusando-se a pôr taboleta onde de taboleta não precisa, Crêmos porem que o gremio saberá reparar o erro não praticando d'ora avante erros eguaes e procedendo como um grupo de homens que, dizendo-se livres, desejem realmente servir a liberdade.

No sabbado, 27, realisa o sr. Leonardo Coimbra a terceira conferencia de propaganda, na Caixa Economica Operaria. Ha enorme anciedade de ouvir o illustre estudante que adquiriu créditos de orador de raça e que possue, alem d'um espirito livre e invulgarmente culto a sinceridade e a modestia compativeis com uma intelligencia superior.

Dentro em breve deve tambem abrir-se em Coimbra o *Jardim-Escola João de Deus*, devido aos persistentes esforços do filho do poeta que foi amavelmente secundado nos seus trabalhos pelo *Orpheon Academico* de Coimbra.

Falaremos então.

†

Theatro

No D. Amelia continua a fazer carreira o *Amor não dorme*. Como previramos, Lisboa gostou.

O *Principe Real* deu á luz o *Telegramma*. Teve uma hora infeliz porque na mesma noite elle se foi para os anginhos. Choraram sobre a morte tragica as carpideiras officiaes. O general Maximiliano está de nojo. Foi um desastre para o futuro administrador da panellinha do Normal, que, segundo dizem as más linguas, é um esplendido commandante mas um pessimo traductor, e um detestavel dramaturgo. Mais maçador que o sr. Frederico Laranjo e mais calino que o Alves Bonifacio. Entre os predicados que o impõem á consideração do respeitavel publico não podemos deixar de mencionar a *Zéfa* que acabou de vez, no anno passado, com a infeliz empreza Menezes & Ferreira.

Pois, meu general, meia volta á direita... marche...

†

L'ivresse de la vitesse

Os nossos *sportmen* andam desenfreados. O rei D. Luiz, de saudosa memoria, acabou com a pena de morte. Mas, no seculo XX, creou-se um castigo mais terrivel ainda. Não é a guilhotina, nem a forca, nem o fusilamento. E' o automobilismo, applicado indifferentemente a criminosos e innocentes. Nas ruas de Lisboa, atropella-se a esmo. A canalha doirada paga a multa de 60$000 reis e retoma *motu continuo* a mesma velocidade assassina, atropellando a 60 metros novo transeunte e fazendo successivamente novas victimas.

A sociedade. . .

†

Post-Scriptum

Ainda não rebentou a revolução.

Menalkas

QUEIRA PERDOAR

Diz a *Lucta*:

«N'este jornal, pagos á linha como quaesquer outros communicados de interesse particular, foram publicados trechos da defeza do Leandro, e se assim procedemos não foi por motivos de dinheiro, mas tão sómente porque representando essa publicação um instrumento de defeza, julgamos do nosso dever facultal-a ao criminoso, não antecipando a nossa sentença á condemnação do tribunal.»

Queira perdoar, mas esse principio é inteiramente inadmissivel. Só ha um principio admissivel: a questão limitada exclusivamente ao tribunal. De resto, desde que o réo tenha o direito de trazer para publico a sua defesa, tem a parte accusadora o direito de fazer a mesma coisa. E é sempre odioso e torpe um jornal metter-se n'isso... por dinheiro. Isto em todos os casos e circumstancias.

O preço do POVO DE AVEIRO avulso é de 20 réis

Assassinos

Fomos esta semana prevenido de que a quadrilha Grandella-Affonso Costa-Margarido, que, junto com a quadrilha dissidente, foi auctora da morte de D. Carlos e seu filho, que planeou a morte de João Franco e ainda hoje instiga, a cada instante, a turbamulta fanatisada a assassina-lo, que matou o desgraçado Pedro Nunes na Bocca do Inferno, alliciara certos bandidos para virem a Aveiro assassinar-nos. Pegámos na carta que nos transmittia esse aviso e mandámo-la á policia.

Claro, o aviso é verdadeiro. Ninguem duvida. Está no espirito de toda a gente, ha muito tempo, esse crime.

Claro tambem, não mandámos o aviso á policia para que a policia nos livre dos assassinos.

Simplesmente, para ficar registada mais essa tentativa. Para liquidações futuras, de caracter moral ao menos, se vier a consummar-se o crime.

Isto é monstruoso e poucos casos definem tão nitidamente a quadrilha. De facto, o que fizemos nós? Porventura temos ás nossas ordens os recursos, os elementos de combate, os instrumentos de guerra que tinha o rei D. Carlos ou que tinha João Franco? Temos a policia, a guarda municipal, o exercito? Temos o thesouro publico, o parlamento ou as sellas da dictadura?

Qual é a nossa vantagem? Qual é a nossa superioridade?

Pois elles não são duzentos jornalistas ou *coisas* que se dizem jornalistas? Pois elles não teem quarenta ou cincoenta jornaes ás suas ordens?

Isto é espantoso! Isto é um espectaculo raramente visto no mundo!

Pois não são calumniosas as nossas affirmações? Elles não dizem, a toda a hora, que são calumniosas as nossas affirmações? Então, lavram a si proprios um diploma de tamanha fraqueza moral e insufficiencia intellectual que, tendo sobre nós a vantagem do numero, a vantagem da publicidade, a vantagem da popularidade, precisam de recorrer ao assassinato para nos vencer?

E' espantoso! E unico no mundo!

Não somos nós um *desqualificado*? Não são elles homens aureolados, homens prestigiosos, homens *dignificados*?

Pois o nosso engenho de escriptor é tão maravilhoso, pois são tão geniaes as nossas faculdades jornalisticas que possamos dar o triumpho á mentira contra duzentos homens que em quarenta jornaes sustentam a verdade e affirmam os bons principios? Contra cem mil homens que fazem causa commum com esses duzentos na propaganda dos clubs, dos cafés, dos centros de cavaco, das lojas, das salas, dos gabinetes, das ruas?

Pois ainda é preciso assassinar-nos?

Nós somos só. Absolutamente só. Não temos alliados. Não temos partido. Toda esta obra é obra d'um esforço singular, d'uma iniciativa isolada. Não vamos para as alfurjas manobrar. Não descemos aos antros a conspirar. Falamos alto e claro. Procedemos á luz do dia. O que temos a dizer dizemo-lo francamente.

Pois ainda é preciso assassinar-nos?

Ah miseraveis, ah grandes miseraveis!

Ah bandidos, ah infamissimos bandidos!

Não é o nosso engenho que vos esmaga, é a vossa infamia. Não são as nossas faculdades de escriptor que vos deitam abaixo da peanha. E' a torpeza, a negrura, o lodo, o veneno da nossa alma.

Ah miseraveis, que assim deixaes patente toda a verdade das nossas affirmações e toda a seriedade e honestidade da nossa conducta!

Nunca se viu a mentira d'um só triumphar d'uma phalange que se bata pela justiça e a verdade. Mas tem-se visto, muita vez, a verdade e a justiça d'um só triumphar d'um exercito d'infamias, de torpezas, de alcavalas.

Ah, miseraveis, que este é o caso!

Tendes procurado todos os meios de nos attrahir ou de nos inutilisar. Andastes annos seguidos n'essa lucta ignobil. Em 1887, 88 e 89 eramos espião da policia, agente do governo como Carrilho Videira e o Silva Lisboa. Em 1890 eramos consagrado como o portador da victoria. Em principios de 1891 eramos eleito quasi por unanimidade membro do directorio e eramos, para vós todos, a figura politica primacial d'esse directorio. Um mez depois eramos *denunciado* ao governo, para este nos perder, como o mais perigoso dos revolucionarios. Conseguindo, pela demonstração rigorosa e forte de verdade, livrar-nos das garras dos tribunaes marciaes reunidos em Leixões, eramos logo em seguida denunciado á turbamulta fanatisada como traidor. Denunciado aos monarchicos, para estes nos arremessarem para a Africa ou para a Penitenciaria como ---- e assim nos apontou Emygdio Navarro em dois artigos editoriaes das *Novidades* — o mais perigoso dos revolucionarios. E denunciado aos republicanos, desde que não surtiu effeito a cilada, como o mais hediondo traidor. . . revolucionario. Infames! Miseraveis!

Assim viemos, ora afagado e exaltado, ora escoiceado e injuriado, até 1903. N'este anno tenta-se a reorganisação do partido republicano. E— basta percorrer, para o comprovar, os jornaes republicanos, todos os jornaes republicanos d'essa epocha,--- nós eramos de novo exaltado. Os artigos do *Povo de Aveiro* são transcriptos, de norte a sul, d'este a oeste, por toda essa jornalada. Nós eramos o orientador, o guia, o educador, o *grande jornalista democrata*. E' ler, é ler a jornalada. Nem tanto é preciso. Basta folhear o *Povo de Aveiro*. Nas numerosas, numerosissimas e constantes transcripções dos artigos do *Povo de Aveiro*, que então mencionavamos, está bem assignalada a maneira porque as gazetas da republica nos considaravam.

Mas... baldado esforço. Nós permaneciamos o rebelde do costume, o mesmo homem indomavel. E entrou de se dizer — *não se faz nada*. Era a voz corrente. Era a palavra dada.

Não se faz nada!

E a occasião do golpe de preto era chegado. Veio, na cilada Affonso Costa. Veio, na traição Bernardino Machado. E seguiram-se ciladas sobre ciladas, traições sobre traições, infamias sobre infamias, está esta agora . . . a do assassinato.

Que tambem ha de chegar. Projecta-se e ha de chegar. Ha de chegar, para acabar de demonstrar que não estamos em face, como sempre temos dicto, d'um partido politico, mas d'um grande bando de sicarios. E' a nova quadrilha de João Brandão, é a nova quadrilha do Marçal. Sob outro aspecto, as mesmas hostes d'assassinos, os mesmos bandos de sicarios.

Nunca, em parte alguma, um partido revolucionario attentou contra a vida d'um jornalista que ataca face a face. Nunca!

Mas em Portugal não ha um partido revolucionario. Em Portugal ha uma quadrilha de ladrões, ha um grande bando de sicarios.

Ha de chegar. E dize-lo não é gabarola, não é fanfarronada. Basta conhecer o meio para não se duvidar. Pelo contrario, não o terem feito já é que é de admirar.

Ha de chegar porque não ha outro meio de calar esta voz de verdade. Eis ahi demonstrada a hypocrisia, a mentira dos miseraveis, quando accusam de calumniosas as nossas palavras! Eis ahi! Se fossem calumniosas as nossas palavras, porventura não teriam duzentos jornalistas e quarenta jornaes meio de as desfazer, de as destruir, de as pulverisar? Não, não são calumniosas. E a melhor prova está nos estratagemas, nas ciladas, nos processos criminosos que usam contra nós os miseraveis. Nós não temos senão esta penna e o nosso raciocinio como armas de combate. Brandimos contra elles a penna, brandimos contra elles a logica. Arremessamos-lhe para cima golpes cerrados de raciocinios e montões de factos, nada mais. Porque não oppõem raciocinios a raciocinios? Porque não destroem factos com factos? Porque recorrem ao trabuco do bandido, ao punhal faccinoroso? Porque os raciocinios são irrespondiveis, porque os factos são incontestaveis. Nada mais! Nada mais! Os raciocinios abafam-nos. Os factos esmagam-nos. Nada mais, nada mais!

O paiz tem a consciencia plena da verdade d'esses factos. O paiz tão bem como nós conhece os factos. Nós não fazemos mais do que dizer alto e bom som o que diz todo o mundo em voz baixa Nós não fazemos mais do que transportar para um jornal os raciocinios e argumentos das conversações particulares. Nós reproduzimos o sentir, o pensar da consciencia nacional. Mais nada, mais nada! E d'ahi o successo, o grande successo d'este jornal.

Pois bem. Nem um instante fraquejaremos. Animo, almas pusillanimes de Portugal! Quem me apparecer pela frente, ou mata, ou morre. Quando subimos para esta nau em que embarcámos já iamos resolvido a este duello de morte. Só comprehendemos o duello assim: *quem não mata, morre*. Quem me apparecer pela frente, ou mata, ou morre. Accommettem-nos traiçoeiramente d'uma esquina, de detraz d'um muro, ou do canto d'uma rua? Adeante. Quem morreu, morreu, quem viveu, viveu. Não tenhaes medo, almas pusillanimes de Portugal! Acudi ao combate, almas pusillanimes de Portugal! Animo! Coragem! Avante! Fazei-lhes frente! Não lhes deis treguas nem quartel! Accommettei-os! Fuzilae-os! Matae-os!

Abaixo a grande quadrilha! Abaixo todas as quadrilhas! A' morte os sicarios politicos, os quadrilheiros, os miseraveis!

Este seria o nosso grito d'alem tumulo, se d'alem tumulo ainda podessemos gritar.

A elles! A elles! Esmagae-os! Matae-os!

O humanitario Margarido

Continuam a chamar a nossa attenção para os martyrios de que é victima, por parte da Emilia, o filho do Margarido, a creancita.

Ora essa! Mas então pode lá ser! E' calumnia. Pode lá ser! O humanitario Margarido! O que protesta contra as palmatoadas dos professoros da Casa Pia nas creanças! O que invocou e reclamou o castigo da justiça para o negociante do Chiado que deu—dizia elle—duas taponas na mulher! O que levou mezes a perguntar ao pae do orphão Albino pelo filho abandonado!

Não pode ser. Assim como não pode ser essa coisa da mancebia com a Emilia. Um homem casado! Então um homem casado ha de dar d'esses exemplos? Então o Margarido, que todos os dias traz a lume escandalos desses, tambem havia de ser réo? O Margarido, casado, por assim dizer, ainda n'outro dia?

E que o França qualquer dia, accrescenta o nosso informador, dá um estalo! Que o *Mundo* já mette a borda debaixo d'agua! Que não pode com uma carga tamanha!

Mas acode-lhe o Grandella. O Grandella, o do Buissa! Dizem que o crime é o laço mais estreito que pode haver entre as pessoas. Mais apertado que o odio e o amor. Acode-lhe o Grandella! O Grandella . . . do Buissa!

Que a Emilia chama ao França *Lazarento*. Pois senhora Emilia, lavre lá dois tentos! Muito bem, muito bem! Lazarento, senhora Emilia? E' isso mesmo.

Que o França está *gasto*, apregoa a Emilia. Então não foi o que nos disse a Margarida quando entrou na Torre de S. Julião illudindo a espionagem do Carrilho? A Margarida, chorosa, já lá nos tinha dicto que o França estava *chupado pelas carochas*. A *carocha*, suppomos nós, ou uma das carochas, era a Emilia.

Que a Emilia não gosta do França. Que do França só quer o dinheiro. Que de quem ella gosta é do C. S.

Ah, sim. Acreditamos. Sim, senhores, sim, senhores, acreditamos.

Que a Emilia foi do Club dos Makavenkos, ao qual pertenciam varias meretrizes.

Hein? Pode lá ser! Ora essa agora. . . Devasso n'este paiz só ha um. E' o padre Mattos. Orgias? Pagodes com meretrizes? E uma sociedade tão respeitavel que mereceu, em plena camara dos pares, com o applauso de varios proceres, um elogio coloroso a um almirante e presidente do conselho de ministros?

O' mulher, ó homem, ó raio que me informas, que estás a commetter um sacrilegio! Isso pode lá ser! Pode lá ser! O' mulher, ó homem, ó raio, que se abre o chão para engulir este paiz! Se isso é assim, estamos peor do que Sodoma. Ora se Sodoma desappareceu lambida pelo fogo do ceo, o que nos vae succeder a nós? Só de pensa-lo, arripiam-se as carnes e os cabellos!

Olha lá, ó mascara, e o Alpoim? Hein? tambem era dos Makavenkos? Dize lá! Esplendido, esse Alpoim! Supponhamos: a dançar o *pas de quatre* com uma tachada soberba! No meio d'essas grandes bachanaes, o Alpoim devia ser esplendido.

E quem bebe. . . são os padres! E os devassos. . . . são os padres! E o bicho dos castanheiros e o phyloxera. . . sahe das sachristias!

Ah malandros, que seis centas varadas no lombo, como no tempo do Beresford. . . punham-vos finos!

A conferencia

Que série d'especulações e que sucia d'especuladores! Em tudo os mesmos! Em tudo! Como elles mentem! O descaramento, a audacia com que elles mentem! E foi o sr. Egas Moniz gritar para o theatro contra os que affirmam que a grande obra da *Junta Liberal* não passa d'uma especulação politica, d'um manejo de quadrilheiros, de mais uma charlatanice d'esses repugnantes charlatães que se servem de todos os expedientes para intrujar os papalvos! Basta dizer-se que não chegando o theatro aveirense a comportar, á cunha, mil pessoas, elles apregoam aos quatro ventos os applausos, os enthusiasmos, com que *as milhares* de pessoas reunidas no theatro acclamaram o sr. Egas Moniz! Para reconhecer a intrujice não é preciso mais nada.

Nós não assistimos á conferencia como tencionavamos e como desejavamos. E por um simples motivo, porque atrazados os trabalhos d'impressão e expedição do *Povo de Aveiro*, por desarranjo no motor, não podiamos sahir da nossa officina. Mas tivemos informação segura do que se passou. E o que se passou não foi tão mau para os promotores da conferencia, os *libaraes*, que elles precisassem de recorrer á mentira, á intrujice, se não fossem intrujões natos.

Como aqui dissemos no domingo, e toda a gente sabe que é verdade, os dissidentes não teem em Aveiro um partido. Estão muito longe d'isso. Limitam-se as suas adhesões ás do *Campeão das Provincias*, que foi sempre um orgão clerical. Começa já por isto! O periodico que representa em Aveiro os anti-clericaes esteve *sempre*, durante toda a sua longa vida, ao lado dos *clericaes!* E' admiravel, mas é verdade!

Alem do *Campeão das Provincias*, que representa *exclusivamente* o grupo dissidente n'esta terra e n'este concelho, ha o partido regenerador, que tem cinco pessoas. Tambem sabe toda a gente d'Aveiro que isto é verdade. Nós não mentimos. Restam os republicanos, que, sendo muito poucos, ainda assim dos *libaraes*, queremos dizer, dos que fazem causa commum na *Junta Libaral*, são os mais numerosos. Era, pois, muito facil aos franquistas e progressistas, que estão em enorme maioria neste concelho e aqui dispõem d'uma grande influencia, pôr em cheque *os conferentes*. Mas a verdade tambem é que franquistas e progressistas, á parte a sua influencia eleitoral, á parte a sua acção burgueza de patrões commedidos e prudentes, junto da canalha nada valem. O Maduro mette-lhes mais repugnancia e inspira-lhes mais nojo que um sapo. O Maduro e os maduros. Trata-se de canalha? Elles fogem. Elles retrahem-se. Elles teem medo.

E' uma desgraça, mas é verdade. E' uma desgraça porque, á sombra d'esse medo e aproveitando-se d'esse medo, vae triumphando a canalha. A força da demagogia, como sempre temos dicto, está na canalha. Na canalha ociosa, vadia, criminosa. Na canalha cheia de crimes e de vicios. Na escoria social. Que é em Portugal, mercê da terrivel desmoralisação que nos avassalla, mercê da terrivel anarchia que nos invade, e da covardia que lhe anda inherente, a peor, a mais abominavel das escorias.

Seria facilimo, tudo quanto ha mais de facil, destruir essa canalha. Tão facil que um homem só, nós, a temos posto, podemos dizel-o, em todo o paiz, em meia debandada. Simplesmente com este semanario temos levado o pavor, o desarranjo, a desordem, o desanimo aos seus arraiaes. Como é facil destruir a canalha!

O que é preciso é energia, é abnegação. Um boccadinho d'energia, e d'abnegação. E' claro que o Maduro, que os maduros sujam um homem. Abjectos reptis, repugnantes ratas de cano d'exgotto, porcos, immundos, latrinarios, sujam um homem. Mas nem pelo facto de serem lançados ao desprezo deinam de sujar toda a gente. De embaraçar uma sociedade. De contaminar um povo. Então, só pelo receio de receber uma chufa ou um salpico de lama, ha de um homem consentir que domine uma sociedade um bando de garotos? Ha de um homem, por tão pouco, deixar afundar-se, ir a pique a sua patria?

Inepcia irritante! Covardia estupida e affrontosa!

Os dirigentes d'Aveiro não teem desculpa nenhuma. Foram d'uma imbecilidade e d'uma covardia a toda a prova.

Bem sabemos que o theatro não estava cheio. Bem sabemos que se deram lá varias manifestações hostis. O resultado da conferencia foi nullo, inteiramente nullo no animo da população. O tal movimento anti-clerical está morto, inteiramente morto. Não ha movimento, não ha agitação, nem aqui, nem em outra terra do paiz. Ninguem se sente agitado, movimentado, enthusiasmado. Mas não houve durante a conferencia um acto energico que constituisse uma licção. O que faltou foi *uma licção*. A demagogia cantou e poude cantar victoria. Esta é a verdade. E isso foi e é deploravel.

Temos muita pena, muitissima pena, de não havermos assistido á conferencia. Porque se houvessemos assistido a ella teriamos pedido a palavra. Não nos teriam mettido medo nenhum os *maduros*. Não teriamos recuado deante da hypothese d'uma manifestação hostil da canalha. Affrontavamos tudo isso e estamos certo de que dominavamos a canalha. Oh, se dominavamos. Pode muito a justiça e a verdade. Oh, se dominavamos! Demais a mais sendo certo que á parte sã da assembléa só lhe faltou um homem. Se elle lhe apparecesse, como ella se teria manifestado!

Teriamos pedido a palavra para fazer ao sr. Egas Moniz simplesmente esta pergunta:

"Qual foi a acção, qual foi o trabalho opposto pelo senhor e pelo seu grupo á invasão clerical?„

Mais nada. Isto é, sobre essa pergunta nos haviamos de fundamentar e d'aqui garantimos ao sr. Egas Moniz que passaria um mau boccado.

Ha invasão clerical, não é verdade? Não é de hoje essa invasão, não é assim? O senhor não affirma, não pode affirmar, mesmo porque eu não lhe consinto que o affirme,—demonstrarei o contrario— que a invasão clerical, a supposta invasão clerical, que a influencia clerical, a supposta influencia clerical, date da sua separação, e da separação dos seus correligionarios, do velho partido progressista. Vejamos, então: o que fez o senhor, o que fizeram os seus correligionarios no sentido de a evitar? Os senhores são auctores, ou são réos?

Eu punha depresa o sr. Egas Moniz no seu logar. Essa lhe garanto eu. Eu demonstraria rapidamente, e o sr. Egas Moniz não fugiria, não poderia fugir a essa prova, que nunca o clericalismo teve menos influencia do que tem hoje em Portugal. E que andando o sr. Egas Moniz a gritar agora contra o *perigo clerical*, foi, ou o sr. Alpoim pelo menos, e muitos outros dos seus correligionarios, o maior apoio do clericalismo quando, realmente, o clericalismo dominava. Eu demonstraria como se creou a reacção, como verdadeiramente se creou a reacção em Portugal, o que é e o que foi a reacção em Portugal, e o papel que na sua creação e no seu desenvolvimento o sr. Alpoim, em especial, e os dissidentes, em geral, representaram.

O sr. Egas Moniz havia de apparecer deante d'aquella assembléa, não como juiz mas como réo. Não havia de fulminar alli imprecações. Havia de fazer, simplesmente... *amende honorable*.

Infelizmente, não appareceu lá ninguem. E a demagogia, se não teve um grande triumpho, que não teve, poude, comtudo, relativamente, cantar victoria.

Esta é a verdade. E nós não sabemos dizer senão a verdade.

Lisboa, 24 de novembro.

O caso sensacional da semana foi a condemnação dos incendiarios do predio da Rua da Magdalena onde pereceram quatorze pessoas. Pela primeira vez na minha vida, ouvi as palavras com que o publico das mais baixas camadas, traduzia o receio de uma absolvição! Toda a tarde de terça-feira circulei por entre os grupos que estacionavam defronte dos tribunaes da Boa-Hora e defronte do «Seculo» no Rocio, anciosos por saber o *veredictum* do jury. Pela primeira vez em contacto com a multidão poude ver a grandeza de um linchamento provavel, se os accusados tivessem sido absolvidos. Não se diga que o povo, os individuos da mais baixa esphera, não são susceptiveis de moralisação. Isolem-os. Evitem que lhes envenenem a Alma e terão uma população regular. As phrases que ouvi: *por cada palavra da defeza do A. Braga mandava dar uma picada no Leandro; o que elle merece é ser assado* etc. e as palmas dadas no Rocio ao apparecer no *plancard* do «Seculo» a sentença; traduziam muito mais que uma homenagem á justiça, era a psychologia de um povo que se sente opprimido pelo terror, receoso de que a atmosphera de corrupção em que tem vivido permaneça sem poupar sequer os tribunaes.

Todavia, apezar de taes demonstrações os governos continuam poupando a demagogia e não querem que lhes digamos que são conniventes com ella na desmoralisação do paiz porque sem a demagogia não poderiam existir por terem de ceder os logares do Poder a quem os merecesse e soubesse honrar. O julgamento em questão foi a todos os respeitos um exemplo vivo e edificante do que é e do que vale a jacobinagem e o *honrado* commercio, sempre disposto a passar attestados de bons costumes do commerciante que pode roubar ou envenenar a sociedade inteira, se negociar em generos alimenticios, o qual não deixará de ser um homem de bem, contanto que satisfaça os seus compromissos pecuniarios no dia aprasado. As declarações da imprensa republicana quando do incendio: que ninguem devia acceitar procuração para defender os incendiarios mudando pouco depois de orientação; a revelação da existencia de uma agencia destinada a explorar e a promover a absolvição do Leandro feita pelo advogado A. Braga, que lhe valeu a reprimenda dada pelo «Liberal»; a defesa desgraçada que este advogado rhetorico produziu que pela nota antipathica que nunca o abandonou mais parecia destinada a indispôr o jury e o publico contra os accusados do que a promover a sua absolvição; discurso de defeza eloquente, mas revelando na ausencia de conceitos e ignorancia e a incapacidade mental do advogado, que substituia os argumentos pelos insultos, o que lhe rendeu um par de socos dados pelo seu collega Arruella, e o respeito devido ao tribunal pelo abandalhamento.

Tudo emfim parecia combinado para mais uma vez mostrar que é preciso cuidar da Alma d'este povo que vae estando bastante envenenado pelos que dizem querer salval-o pela Republica, a seu modo, isto é: que os assentou onde outros até agora tem estado assentados. Se não for assim que morram, ou que apodreçam, tudo lhes será indifferente. N'este paiz que Offenbach não conheceu tudo continuará como até agora? Continuar-se-ha a desprezar a lição dos factos? Por vezes na imprensa republicana, desde as *baboseiras* com que o jornal do *souteneur* satisfaz os leitores dignos d'ellas até ao *sainete* philosophico dos artigos assignados da «Luta»; o que se lê faz pasmar pela audacia com que se mente, pelas intrugices que se fazem propalar. Chega a ser ridiculo que um jornalista que foi uma vez ou mais a Paris e por acaso a Londres venha dizer coisas, como se conhecesse a França ou a Inglaterra; mas que os poderes publicos consintam o que o artigo «O Patriotismo» assignado por Brito Camacho, da «Lucta» do dia 23, suggere, é criminoso. N'este paiz de analphabetos e de omniscientes, onde o sabio é desconhecido porque elle é proprio de nações *atrazadas* como a Allemanha, Inglaterra e França; onde ainda havemos de ver coroneis a dirigir dioceses e advogados a receitar medicamentos; onde

o medico Camacho abandonou a medicina para se occupar da politica, carreira de muito mais facil accesso em Portugal; o que este medico subscreveu na «Lucta» d'aquelle dia é sobemaneira edificante.

Elle o diz.

. . . . . .

«O que poderiam ensinar as creanças romanas aquelas amas gregras, que a moda chamou á cidade eterna, quando já a corrupção lavrava no organismo do Imperio, ameaçando-o de morte? E então pensamos no processo de desnacionalisação que se faz em Portugal, mercê de importação de mestres estrangelros, em todo o cazo, e sem embargo dos seus merecimentos, creaturas que não podem formar um espirito ou um caracter essencialmente portuguez, pela razão muito simples, e ao mesmo tempo muito poderosa, de que o mestre e o educador formam os seus discipulos á sua imagem e semelhança».

Leram? mastigaram? Pensem um bocadinho e digam-nos depois, se não ha razão para os governos se preoccuparem com a geração de ámanhã; não com a creada pelos mestres estrangeiros que vem tornar pelo ensino das linguas e adaptando o caracter do portuguez á civilisação, a facil assimilação da do paiz d'onde provem; mas sim com a ministrada pelos quartos andares d'esta Lisboa onde mestras de *gargarejo* pervertem raparigas em verdadeiros antros de prostituição e com as alfurjas *liberalonas* e jacobinas onde se fazem *experiencias* com bombas de dynamite e se incute a desordem no animo dos alumnos. Tem razão o sr. Camacho, mas é preciso que ponha todos os pontos nos J. J. Os discipulos são sempre creados á similhança dos professores; e é por esta razão que em muitas partes da Europa progressiva nem se quer se tolera o ensino ministrado aos filhos pelos paes, e muito menos o ensino livre. Nomeadamente em alguns cantões da insuspeita Suissa os filhos de todos os cidadãos tem de frequentar as escolas publicas directamente fiscalisadas pelo governo, mas em Portugal o que é preciso é. . . *libardade* de ensino; a Suissa é retrograda e reacionaria; como a Argentina perseguindo os milhares de anarchistas e. . . o diabo que os carregue, a taes *libaralões*. Só o exercito e a *agua á jarra* lhes metterá a coherencia e o juizo na cabeça e salvará o paiz de uma morte certa.

A facilidade e a eficacia do processo deduz-se da maneira como o illustre e digno director do *Povo de Aveiro* triumpha sobre os inimigos que constantemente lhe saem pelo lado das costas nas encruzilhadas. A mais simples explicação confunde-os. E' a Justiça guiada pela voz da Razão. Contra ella nem os correligionarios dos Bombardinos Rachados juntos, que estão sempre onde estão os homens de bem, os republicanos já se vê, sem embargo de alguns terem passado pelos bancos da Boa-Hora onde foram julgados por gatunos; do sr. Camacho ter de gramar toda a escumalha adoenticia sem tugir nem mugir; e do quadro celebre em que Jesus appareceu na terra para cumprimentar o não menos celebre Bernardino das *bernardices* subscriptos da lei que creou o juizo de Instrucção Criminal anothenisada pelos correligionarios; tudo desaparecerá á voz do director do *Povo de Aveiro*, porque—quem não deve não teme.

Ignotus.

ETERNO CANALHA

Depois do julgamento, quando Leandro chorava, lastimando a sua sorte, Cunha e Costa disse-lhe:

Tenho mais honra em lhe apertar a mão, a si, do que a muitos que o acabam de julgar.

Isto é, perfeitamente, de salteador. A nota que resalta de todos os actos, quer dos quadrilheiros, individualmente, quer da quadrilha, collectivamente, é sempre uma nota de banditismo. Porque é o Leandro mais honrado do que *muitos* dos seus julgadores?

Se Cunha e Costa se queria referir a algum, ou a alguem que, tendo-se vendido, atraiçoava o comprador, tinha razão. Mas, tendo razão, faltava-lhe auctoridade para o dizer. Um cavalheiro d'industria, um trocatintas, um alicantineiro como Cunha e Costa, não pode falar em honra a titulo nenhum. Alem d'isso, Cunha e Costa, n'esse caso, não podia nem devia generalisar. Então precisasse, ou, pelo menos, falasse d'uma forma mais restricta. Exprimindo-se n'aquelles termos deixava patente, e bem patente, que se referia, ou queria referir-se á maioria do jury. Ora isso é d'um atrevimento e d'uma audacia que, dignamente, só poderia ser castigada com um chicote.

O jury poderia ter errado. Mas um erro não é uma infamia. Como vinha um advogado, demais a mais com intervenção na causa, exclamar: *Tenho mais honra em lhe apertar a mão, a você, réo condemnado, que aos julgadores que o condemnaram?*

Como ficam impunes n'esta terra affrontas d'essa natureza?

O jury, a maioria do jury dizemos, dava provas de uma rara honestidade de caracter não se rendendo ao dinheiro do Leandro e a pressões de toda a natureza. Pode-se discutir o seu erro. A sua crueldade, se quizerem. Ainda a sua estupidez, se tanto pretenderem. A sua honestidade, não. Em boa razão ninguem o pode fazer. Ninguem, pois não ha uma unica pessoa que não saiba que o dinheiro do Leandro andou a rodos. Ora o que as palavras de Cunha e Costa attingiam não era a intelligencia, mas o caracter, mas a probidade do jury.

Que grande patife!

De resto, a moral da quadrilha sempre a mesma. Tudo é respeitavel n'esta terra quando lhes serve as vaidades, as paixões, as conveniencias ou os instinctos. Tudo é vil e infame... quando os incommoda e prejudica.

Ah, João Franco, João Franco, que precisavas ser fuzilado por não os teres fuzilado n'essa noite *afortunado* de 28 de janeiro!

Deixaste perder a fortuna. E na vida dos povos é como na vida dos homens: perdida uma occasião, tarde ou nunca volta outra.

João Franco!... João Franco!...

Declaração

A commissão delegada da cidade de Aveiro para a organisação das festejos commemorativos do primeiro centenario do grande tribuno José Estevam Coelho de Magalhães, resolveu tornar publica a declaração, accordada em sessão de 25 do corrente, de que exclue d'essa commemoração qualquer intuito de politica partidaria, e apenas pretende prestar a devida homenagem de reconhecimento á memoria do maior dos aveirenses, pelos seus serviços á Patria e á Liberdade.

Aveiro, 26 de novembro de 1909.

A Commissão

O do apito

O tocador de buzio diz que se fosse um outro que lhe dissesse aquillo que nós lhe dissémos...

Hein!? Se fosse um outro...

O *Maduro* rachava-o!

E' perfeitamente um idiota. Garoto da peor especie. Mas um miseravel testa de ferro, que nem conta sabe dar do seu recado. Um idiota. Se lhe escrevem alguma coisa... ainda vá lá. Se o deixam entregue a si proprio mette os pés pelas mãos e não sabe dizer senão desconchavos. Que sucia d'asnos, que tem o tal partido republicano em Portugal!

Sempre o temos dicto. Ha muitos annos que vimos escrevendo que, sendo muito tratantes, geralmente, ainda são mais idiotas que tratantes.

Não tendo discussão as idiotias do *Maduro*, vamos aos factos.

Que o elogiámos no *Povo de Aveiro!* Sempre o mesmo tratante! Nós nunca elogiámos o idiota. Toda a gente sabe a difficuldade que temos em fazer elogios seja a quem for. Não o fazemos a homens de valor. E iamos faze-los a um idiota!

Quem o elogiou... foi elle. Elle proprio! E nós apenas commettemos a fraqueza de lhe emendar os erros de redacção e de gramatica e de consentir que *Maduro* elogiasse *Maduro* n'este jornal.

Não conheciamos o idiota. O idiota appareceu-nos, como creado de servir, durante a questão da *Immaculada*. Como creado de servir, depois d'isso, uma ou outra vez nos procurou. E nós como creado de servir o tratavamos. Creado grave, é certo. Mas como creado de servir, em todo o caso.

O patetoide gostava muito, coitado, de rabiscar. Como se sabe, entre as varias manias dos apoucados d'espirito existe a mania de rabiscar. Os homens com faculdades d'escriptor, os grandes jornalistas, teem, geralmente, a preguiça d'escrever. Escrevam sempre á ultima hora. E não só os grandes escriptores e os grandes jornalistas. Até aquelles que não são inteiramente distituidos de habilidade. Assim, nós proprio, que não somos jornalista nem escriptor, nunca escrevemos senão á ultima hora. Sempre fomos assim. Sabem-no todos os typographos que teem passado por este jornal. E com desgosto o sabem. Porque deram sempre todos com isso um grande cavaco. Andamos a trabalhar n'outras coisas, porque nunca estamos ocioso, mas só á ultima hora pegamos no jornal. E então vae todo. D'um jacto. Mas o Maduro? Esse rabisca de noite e de dia. E são assim todos os idiotas *da especialidade*. Escrevem muita asneira. Não escrevem mesmo senão asneiras. Mas o seu prazer, o seu especial prazer... é rabiscar.

O que o idiota nos maçava! E nós, não tinhamos remedio... Então como lhe haviamos de pagar a graxa e os recados?

Que tambem são damnados em a gente lhes dando um pontapé, estão engraxadores...

Todo o prazer d'elles é ter relações... com os grandes homens. Com os homens que, com muito ou pouco merito, o vulgo eleva acima dos outros homens. Babam-se, a mostrar ao vulgo que dispõem das graças d'esses homens!

Babam-se! São capazes de tudo para mostrarem que teem relações com esses homens! Que prazer, ir por uma rua fóra ao lado d'esses homens! Sentar-se com elles á meza d'um café! Receber d'elles uma cartinha em que sejam tratados... com familiaridade! Que prazer! Que delicia! E tem graça: os grandes homens são prodigos em conceder seus favores... precisamente aos idiotas.

Claro: a razão deve ser a mesma que dão as mulheres bonitas quando alguem lhes manifesta a sua admiração por as ver dar attenção a idiotas. Uma vez, deante de mim, um homem extranhava a uma das mulheres mais bellas e elegantes de Lisboa que ella desse attenção a certo visconde, hoje muito conhecido na politica, e que, na opinião do sujeito, opinião aliás acertada, não passava d'uma idiota. A mulher respondeu:

— Mas então que quer o senhor que a gente faça, se os homens de juizo não fazem caso de nós?

Achei graça á mulher e nunca me esqueci do dicto.

Ora a razão que leva os escriptores, os *intellectuaes*, a conceder favores aos idiotas, deve ser a mesma.

Os homens de juizo não andam atraz d'elles. Não se prestam a engraxar-lhes as botas. A engraxar-lhes as botas, a elles, e a morder nos outros por conta d'elles. Isso só os *Maduros*. E, d'ahi, as condescendencias faceis com Maduros.

Escusarei de dizer que não sendo eu um grande homem não tive tantas condescendencias com o cachorro do Maduro. Mas tive algumas. E uma d'ellas era essa: deixava que elle, uma ou outra vez, — poucas, com grande desgosto e quesilia d'elle—se elogiasse a si proprio neste jornal. Talvez lh'o consentisse mais vezes se não tivesse sido sempre para mim pouco sympathico, por um lado, e se, por outro lado, eu não tivesse de lhe emendar os erros de redacção e os erros de grammatica. Mas um dia dei-lhe um pontapé e o mariola... ficou damnado.

Nunca tive grande feitio para aturar fraldiqueiros. A certa altura, corro com elles. E fiquem os leitores sabendo que é uma das razões, talvez a capital razão, porque trago atraz de mim tanta gente a ladrar.

Um cão pequeno ou ha de ser afagado, ou fica, enraivecido, toda a vida a ladrar.

Mas vamos ao outro facto. Este está explicado.

Segundo o idiota — que ainda não nos fez pagar com a vida os *insultos* que lhe dirijimos porque não temos *cathegoria* para morrer ás mãos d'elle! — o conde d'Agueda trata de nos arranjar um logar de professor na Escola Industrial. E assim vae esta besta demonstrando sempre que é capaz de todas as invenções e de todas as patifarias!

E' um caso sabido por muita gente n'esta terra que fomos nós quem principalmente concorreu para a reforma da *Escola Industrial*. E fomos nós chamando a attenção do sr. conde d'Agueda para esse importantissimo serviço, que o sr. governador civil se apressou, com a dedicação que todos lhe conhecem, a prestar á cidade, ao concelho e ao districto. N'essa occasião lembrou-nos o sr. conde d'Agueda a possibilidade de uma cadeira n'essa escola. Elle e o sr. Silva Rocha, director da mesma escola. Respondemos aos dois que *nunca acceitariamos* um logar de professor a não ser gratuitamente. Que *nunca* se diria que era o interesse que nos havia levado a tomar a iniciativa da reforma da Escola Industrial. Que se o governo, por economia, não queria crear as cadeiras todas, que deixasse uma de fóra, a de historia. Que offerecesse a camara a regencia d'essa cadeira ao governo, se o governo não podia acceitar o offerecimento gratuito directamente. E nós gratuitamente iriamos reger a cadeira de historia. Quer dizer, faziamos o que ninguem faz n'este paiz, porque, para isso, só nós temos tido, n'esta terra, abnegação. Nós promoviamos a reforma da Escola Industrial, chamando para ahi a attenção do sr. Governador civil e animando-o a essa conquista em favor da instrucção d'esta cidade e do concelho, em especial, e do paiz em geral. Nós, rejeitando um logar remunerado que, por assim dizer, nos era offerecido, pondo, pelo menos, de parte, inteiramente essa ideia, offereciamo-nos para reger uma cadeira de graça, a de historia e geographia, para a qual estavamos, podemos bem dize-lo, *absolutamente habilitado*, facto de que tem conhecimento o sr. governador civil, o sr. director da Escola Industrial, o governo e suppomos que muita outra gente. Nós escreviamos a representação dirigida ao rei e ao parlamento pela camara municipal d'este concelho. Eramos o elemento propulsor d'essa importantissima reforma. E agora essa besta, que tem como patrono e inspirador o ladrão do Affonso Costa, que não só abandona a sua cadeira da Universidade como tem chegado a ser pago como se estivesse exercendo as suas funcções de professor, essa besta que se diz *representante da democracia*, essa besta que se diz defensor da *instrucção e dos interesses d'esta terra*, paga-nos essa abnegação e esse importantissimo serviço, prestado com tamanha singeleza que sem a infamia do malandro ficaria, pelo grande publico, eternamente ignorado, com mais uma das suas trapaças revoltantes.

Um pulha! Um grandissimo pulha! E calculem, por mais esta infamia, de quantas infamias é capaz o miseravel.

Quem a Coimbra vae...

E de Coimbra vem, se burro vae, burro vem, porque Coimbra não dá nem tira juizo a ninguem.

Ora é o caso do collegasinho do *Correio do Vouga*.

Nós podiamos-lhe chamar velhaco, que não lhe faziamos injustiça nenhuma. Nenhuma! Mas não eramos rigorosamente verdadeiro. O senhor é velhaco. Acima de tudo, porem, é parvo. Ora o todo—coisas que o senhor ensina aos rapazotes se é professor, como nos dizem—é maior do que a parte. Logo, o amiguinho é tolo antes de ser velhaco.

O amiguinho é velhaco, continuando a insistir em que elogiámos incondicionalmente este ou aquelle dos corypheus do partido republicano.

O amiguinho é duplamente velhaco apoiando essa affirmação nas transcripções feitas pelo Maduro, sendo certo que o Maduro, um bandalho de ultima especie, não só transcreveria, ninguem hesita em o acreditar, aquillo que lhe conviesse, como era e é capaz... d'inventar. Se o amiguinho não fosse duplamente velhaco, punha de banda as transcripções do Maduro, e percorria a collecção do *Povo de Aveiro* para lealmente se certificar. E lá encontraria *censuras*, *fartas censuras*, a Duarte Leite, a Bazilio Telles, a todos, **todos!** os corypheus do partido republicano. Se o amiguinho não fosse triplamente velhaco, dez vezes velhaco, um grandissimo velhaco, nem precisava de recorrer á collecção do *Povo de Aveiro*, porque *ainda n'outro dia*, ha pouco mais d'um mez, nós fizemos aqui a prova em relação a alguns, a Bernardino Machado, por exemplo, mostrando que os censuravamos, e que asperamente os censuravamos, ao mesmo tempo que os elogiavamos. Mas o senhor é muito mais tolo que velhaco, tolo e re-tolo, porque ainda que *incondicionalmente* os houvessemos elogiado, nem a nossa intelligencia, nem o nosso caracter desmereciam em coisa alguma passando agora a censura-los, a vitupera-los, a injuriá-los.

Isso é argumento de Maduro, argumento de burro. Isso é argumento de almocreve das lettras. Isso é argumento d'aprendiz de jornaliqueiro, a mais reles e a mais baixa classe da enorme familia dos sapateiros.

A que chama você *elogio incondicional?* Você queria que o Leandro fosse auctor do incendio da Magdalena antes do predio ter ardido? O que aprendeu você em Coimbra? De que lhe serviu ir a Coimbra?

Quem a Coimbra vae e de Coimbra vem, se burro vae, burro vem, porque Coimbra não dá nem tira juizo a ninguem.

Diz você que partimos do principio falso de o julgarmos republicano. Não partimos tal. Então não vimos logo pelo andar da cavalgadura o que tinhamos na frente? O senhor... *não é nada*. Não é verdade? Não é *nada*. Foi a Coimbra... e veio.

Aqui d'el-rei que quem é honesto hoje ha de sê-lo ámanhã. Aqui d'el-rei que quem hoje procede bem, procede bem ámanhã. Aqui d'el-rei que quem viu hoje as coisas por um prisma ha de ve-las pelo mesmo prisma eternamente. O assassino já antes do seu primeiro assassinato... assassinou. O ladrão, já antes do seu primeiro roubo... roubou. A prostituta, já era prostituta... antes de ter perdido a virgindade. Que grande burro que você é!

E petulante? Porque elle, sim! Elle, sim! Elle pode-nos ter admirado para, honestamente, ter deixado de nos admirar! Elle pode-nos ter louvado ou exaltado para, na hora presente, nos censurar ou deprimir. Elle, sim!

Que grande pedaço d'asno!

Sabe que mais? Faça colheres.

O maduro sopra no buzio. Acompanhe-o: faça colheres.

Arcades-ambo.

Que grande pedaço d'asno!

Sr. director.

Coimbra, 23-11-909.

Quero dar-lhe uma nota muito *significativa* da quasi nulla influencia que o partido republicano exerce, *hoje*, no espirito da mocidade das escolas, e que me parece digna de registo no seu jornal.

Como sabe, a Universidade é frequentada por 1:200 estudantes. O lyceu por 600,

Ora, entre tamanha multidão de gente moça, irrequieta e insubmissa, era natural que o partido revolucionario contasse um numero relativamente grande de adeptos.

Não é verdade?

Pois olhe, dá-se exactamente o contrario!

Na academia, existem tres *centros* de caracter politico.

Ei-los:

Centro Academico Monarchico com cerca de 600 socios;

Centro da Mocidade Catholica com cerca de 200;

Centro Academico Republicano com cerca de 80! De 80!

Isto representa a verdade, sr. director, e só a verdade.

Sendo assim, que conclusão tira o seu illustrado espirito destes dados que lhe offereço?

Não acha que a mocidade estudiosa se divorciou do partido republicano, devido principalmente a não querer pactuar com os seus desastrados processos de propaganda e de combate? Com a sua orientação e moral politica?

Parece-me que o facto é digno de ser devidamente apreciado pelo seu jornal, dada a sua importancia.

Mas —— note —— o que se dá em Coimbra, dá-se, mais ou menos, em Lisboa e Porto. N'estas duas cidades, não existem *hoje* senão insignificantes grupos de adeptos do partido republicano, entre a mocidade das escolas.

Tão insignificantes que ninguem os vê!

Tão insignificantes que já ha muito que ninguem dá pelas suas manifestações!

O *mal*, como podem affirmar os demagogos, não está pois no *meio* coimbrão, na *athmosphera* que se respira na Universidade... Aonde está, pois?

Emfim, v. apreciará como entender.

Lousabat.

P. S. —— Devo notar-lhe que durante a epocha agitada do *ultimatum* inglez, e do grande movimento liberal provocado pelo caso Calmon —— a mocidade das escolas deu grande numero de combatentes ao partido republicano...

L.

Panamá Doce

Com este titulo publicou o *Paiz* uma serie de artigos, trazendo a publico os enormes escandalos da *Companhia do Assucar de Moçambique*, empreza onde se metteu uma malta de politicos, os quaes, apezar de tudo quanto tem feito em prejuizo dos accionistas, estes não tem podido pôr de lá para fóra!

Devia sêr essa companhia uma empreza prospera e feliz, com grandes lucros para os accionistas e vantagens para o Estado. Mas não é!

Tornou-se a *caverna de caco* d'este nosso tempo, donde, por meio de falsificações e varios latrocinios tem sahido dinheiro para *hetairas* de alto cothurno; e para uma que nem este nome merece; porque é uma meretriz de furta-côres; uma prostituta devassa, uma rameira descarada, que é conhecida pelo nome de *politica monarchico - republicana - dissidente!*

O *Liberal* deu, ha dias, a noticia de que o supremo tribunal de justiça proferiu um importante accordão sobre uma das questões criminaes, intentadas por alguns dos accionistas burlados!

Vamos a ver se essa decisão faz sahir cá para fora o pús, que está lá dentro!

Porque o que se tem passado na Boa-Hora é escandaloso!

No processo criminal, intentado pelo accionista, Sr. Manoel de Freitas de Lima Espinheira, o Sr. delegado *João Antunes de Macedo Santos*, que a principio cumpriu o seu dever, tornou-se depois servo obediente dos protectores dos criminosos, e tem, por todas as formas, procurado impedir e pôr termo ao processo!

Só para pôr um simples *concordo*, em um pedido de uma diligencia requerida pela parte queixosa, teve os autos *dous meses*, em seu poder, e só os largou depois de muitas instancias e ameaças de queixas aos superiores!

Ha um outro processo, instaurado sob queixa, no juizo de Instrucção criminal, do accionista Sr. Antonio Pacheco Agostinho. Provou-se naquelle juizo, pela confissão dos proprios falsos accionistas, que *Ressano Garcia*, *Moreira d'Almeida* e *Carvalho Pessôa*, falsificaram as votações das assembléas geraes da companhia, introduzindo n'ellas os creados, empregados da camara, operarios e catraeiros da outra banda, abafando por essa forma os votos e impedindo a representação dos verdadeiros accionistas!

Que tem feito o Sr. delegado, *Macedo Santos*, n'este processo, que lhe foi mandado pelo actual juiz de Instrucção criminal? Nem anda, nem desanda!

Nada tem promovido, e só tem feito promoções para impedir o andamento!

Falla-se até em combinações vergonhosas para os trapaceiros se poderem defender!...

Estes consta-nos que, alem dos seus numerosos advogados, pediram agora, vendo-se aflictos, soccôrro ao virtuôso *Affonso Costa!*

Achamos bem! Desde já affirmamos que não hade haver contestação de honorarios, como na herança *Esteves Ribeiro!* Não ha-de haver, não!

Porque os do *Assucar* não pagam do que é *seu* como o *Leandro* pagou. Pagam com o dinheiro da companhia, com o dinheiro dos accionistas!

Mas como se explica o proceder do delegado, que a principio cumpriu o seu dever, e levantaram até os falcatrueiros uma campanha contra elle? Como se explica? Alem do cumprimento do seu *dever*, era do seu brio! Como explicar?

E' por mêdo?

Não! Como n'esta nossa terra tudo se sabe, diz-se que, por intermedio de um ex-secretario de um ex-ministro, chegaram ás bôas; e lhe foi feita a promessa de um logar de ajudante de procurador geral da corôa!

Será verdade?

Se fôr, fique sabendo o Sr. *Macedo Santos* que o boccado lhe ha-de custar a engulir; e que muito lhe ha-de amargar.

Verêmos e fallarêmos!...

Y.

As nossas secções

Alguns dos nossos leitores queixam-se da falta da Carta de Nenhures *e da secção* Tribuna. *Lá iremos. Como os da quadrilha nos querem dar cabo do canastro, nós temos querido aproveitar a occasião, emquanto é tempo. E se ficarmos cá por este mundo então voltaremos ás secções pacificas.*

O preço do POVO DE AVEIRO avulso é de 20 réis

Lettras do Banco Credito Real do Brazil

Compram-se e vendem-se na Rua de S.to Antonio, 190

Porto

Associação de Escolas Moveis

Como se sabe, é nossa opinião inabalavel que sem instrucção Portugal não pode elevar-se á cathegoria de nação civilisada. Sem isso não poderemos nivelar-nos com as outras nações. Não poderemos attingir o progresso. Nós precisamos muito d'educação. Mas o maior elemento de educação é a instrucção.

Assim pensarmos ha muitos annos, e por assim pensamos ha muitos annos fomos, talvez, o maior propagandista da instrucção elementar que, n'um certo periodo, appareceu em Portugal.

Fomos tambem, e somos, um convicto apologista do methodo de João de Deus. E' o nosso unico methodo. Escusa o padre-mestre Grainha d'accomodar methodos extrangeiros. O paiz dispensa-lhe o sacrificio e a asneira. Emfim, somos e fomos partidario da *Associação das Escolas Moveis*, a mais benemerita associação, para não dizermos a *unica associação* d'ensino particular que ha em Portngal. Esta associação tem sido um pouco prejudicada, senão gravemente prejudicada pelo espirito da jacobinagem. E' justo dize-lo. Não houve o bom senso d'impedir que *anarchistas e demagogos varios*, e para cumulo de desgraças *quasi todos parvos*, empulgassem a Associação, tornando-se seus *mentores* e *protectores*. Isto, necessariamente, afugentaria adhesões do elemento preponderante na sociedade portugueza. Comtudo, o seu *caracter de neutralidade em assumptos religiosos e politicos* permanece, e os seus serviços continuam a ser de grande utilidade para o desenvolvimento da instrucção moral. Eis porque não temos a menor duvida, antes o fazemos com convicção e com prazer, em a recommen-

dar, dando ao mesmo tempo publicidade á sua ultima circular.

Segue a circular:

Ex.mo Sr.

Resolveu a direcção das Escolas Moveis chamar a attenção do paiz para o aspecto de insolubilidade que, por falta de orientação e auxilio dos poderes do Estado, tomou o problema do analphabetismo em Portugal.

A iniciativa particular, pobre de recursos, mal tem podido manter no espirito publico uma certa boa vontade e interesse pelos assumptos de instrucção. Não conseguiu, porém, até ao presente, dar um exemplo completo e decisivo do que deva ser o ensino do povo trabalhador, impondo-o á consideração de todos, especialmente das estações officiaes para estas o applicarem e generalisarem.

Os governos, por sua vez, além de dotarem miseravelmente a escola primaria (o que prova falta de sinceridade, de competencia e de criterio na administração dos negocios publicos) nem o pouco que dispendem, aproveitam convenientemente.

Demonstra-o a quasi insensivel differença de percentagem de analphabetos que os dois ultimos censos de população, de 1890 e de 1900, registaram; e, mais recentemente, a estatistica de 1903-1904, publicada pela direcção geral de instrucção.

Alli se mostra quaes foram os resultados da escola primaria n'aquelle anno lectivo, e bem assim os do anno lectivo anterior: em 1903-1904 o numero total de alumnos approvados em exame foi de 17:396: em 1902-1903, 17:723. Havia já então muito mais de 5:000 escolas, o que nos dá uma media inferior a 4 **alumnos por escola.** Ainda que se presuma que em leitura e escripta o ensino primario official habilitou outro tanto, mesmo assim, é manifesta a insufficiencia e, pode dizer-se, o desperdicio.

Gastaram-se, em 1903-1904, com a instrucção primaria (vencimento de cathegoria e de exercicio dos professores, gratificações, inspecção, subsidios, rendas de casa e premios) 1.408:938$467 réis. Confrontando com o numero de alumnos apurados em exame n'aquelle anno, temos a despeza média, por **cada um,** de **réis 80$992,** despeza que descerá a metade, approximadamente, se fizermos o calculo provavel por alumno que apprendeu a ler e escrever.

Mas, a simples titulo de curiosidade, destaquemos de cada provincia um dos concelhos onde se reconhece mais patente a desproporção entre a verba da despeza e o aproveitamento escolar.

Provincia do Minho. — Concelho de Valença (circulo de Vianna do Castello): — alumnos approvados em exames de 1.º e 2.º grau, 18. Professores, 14. Despeza, 3.345$000 réis.

Provincia de Traz-os-Montes. — Concelho de Boticas (circulo de Chaves: — alumnos approvados em exame de 1.º grau (todos do sexo masculino) 15; e em exame de 2.º grau, 1. Professores, 12. Despeza, 2:330$500 réis.

Provincia do Douro. — Concelho de Sever do Vouga (circulo de Aveiro): — alumnos approvados em exame de 1.º grau, 23; e no de 2.º grau, 4, sendo um apenas do sexo feminino. Professores, 8. Despeza, 1:721$000.

Provincia da Beira Alta. — Concelho de Villa Nova de Paiva (circulo de S. Pedro do Sul): — alumnos approvados em exame de 1.º grau 14; no de 2.º grau, 5. (todos do sexo feminino). Professores, 11. Despeza, 2.315$000.

Provincia da Beira Baixa. — Concelho de Belmonte (circulo da Covilhã): — alumnos approvados em exame de 1.º grau, 12; no de 2.º grau, 1. Professores, 6. Despeza, 1:688$000.

Provincia da Extremadura. — Concelho de Villa Nova de Ourem (circulo de Thomar): — alumnos approvados em exame de 1.º grau, 28; no de 2.º grau, 3 (todos do sexo feminino). Professores, 21. Despeza, 5:145$000.

Provincia do Alemtejo. — Concelho de Fronteira (circulo de Portalegre): — alumnos approvados, em exame de 1.º grau, 1; no de 2.º grau, 2. Professores, 4. Despeza. 1:615$000.

Provincia do Algarve. — Concelho de Lagos (circulo de Faro): — alumnos approvados em exame de 1.º grau, 7; no de 2.º grau, 0. Professores, 7. Despeza, 1:725$000.

Madeira. — Concelho de Sant'Anna circulo do (Funchal): — alumnos approvados em exame de 1.º grau, 15 (todos do sexo masculino); no de 2.º grau. 0. Professores, 8. Despeza, 1:812$330.

Açores. — Concelho de Lagens das Flores (circulo da Horta): — alumnos approvados em exame de 1.º grau, 13; no de 2.º grau, 0. Professores, 8. Despeza, 1:736$000.

Ninguem julgue que transcrevemos estes algarismos da citada estatistica e do orçamento geral da receita e despeza do fundo da instrucção primaria em 1904, para culpar o professorado, na generalidade zeloso até ao sacrificio, e offerecendo-nos tantissimas vezes a mais segura affirmação das qualidades civicas do povo portuguez. Elle tem feito o maximo, dentro das circumstancias que lhe crearam. Sem edificio adequado (pois que das 6.000 escolas officiaes, apenas 500 se não encontram em casa alugada), sem mobiliario proprio, sem remuneração sufficiente e condigna, e quasi sem convivio espiritual — sempre indispensavel para estimular a vontade de trabalhar e produzir — o magisterio primario official tem salvas as suas responsabilidades, especialmente se considerarmos que o principal defeito é de organisação.

Attribuir a um professor o encargo de quatro classes geralmente numerosas — com obrigação de habilitar para exame de 1.º e 2.º grau — e ainda a delicadissima tarefa das primeiras lettras, é crear, por inconsciencia ou cynismo, uma situação deploravel para a dignidade profissional do mesmo professor e provocar a esterilidade relativa dos trabalhos escolares. Não pode ser. O professorado tem o direito e o dever de reclamar dos poderes publicos uma immediata remodelação dos serviços de instrucção primaria. Precisa de pôr termo a este estado de coisas, que o compromette perante a opinião do paiz e anniquila todas as suas qualidadas de acção, ao mesmo tempo que lhe absorve a existencia na miseria mais injusta, cruel e revoltante.

Sobretudo, quem acompanhar de perto o funccionamento de uma escola rural reconhece logo que mais do que nenhum outro motivo a agglomeração dos analphabetos asphixia todo o esforço e actividade do professor.

Ora, em boa verdade, o ensino das primeiras lettras pertence aos paes, se estes estão em condições de o fazer; e, em sua substituição, ás escolas infantis ou *Jardins-escolas*, conforme nós as designamos. Mas escolas infantis nunca houve em Portugal, nem as haverá tão cedo por falta de dinheiro e de orientação. Apenas, em Lisboa, escondida prudentemente por entre as copadas arvores do sombrio passeio da Estrella, foi ha annos, construida uma barraca de madeira, architectada por indigesta leitura da obra de Froebel, sem nenhumas condições de adaptação, nem espirito de originalidade. Tem ella servido simplesmente, para abrigar do sol e da chuva algumas creancinhas que as mães alli levam emquanto a sua vida penosa de trabalho as reclama despreoccupadas das attribuições e tarefas da maternidade.

Não havendo, pois, escolas infantis, o problema do analphabetismo tem de ser posto irreductivelmente n'estes termos: — só as escolas moveis de primeiras lettras, as escolas moveis pelo methodo João de Deus, que a imprensa de todo o paiz, em successivas e constantes noticias, tem confirmado como uteis e efficazes, só ellas podem dispensar á escola primaria o concurso de que esta carece na primeira parte do ensino. E assim se prova que n'isto a administração publica precisa da immediata intervenção da iniciativa particular que, aliás, deve anticipar sempre o seu exemplo.

Foi em condições semelhantes que as escolas modelos de Iverdon e de Fribourg deram, respectivamente, a Pestalozzi e ao padre Girard, a honra de terem feito do povo suisso o primeiro povo do mundo, sob o ponto de vista civico. E tambem, semelhantemente, ha pouco, o governo francez aproveitou baatante, para a reforma da instrucção secundaria, dos processos e da orientação da escola de Desmolins.

Mas podem as Escolas Moveis realisar uma rápida e económica solução do problema?

Sem dúvida.

A obra das Escolas Moveis tem, sobre todas, a qualidade de se affirmar, uma obra verdadeiramente *nacional*. Procurando implantar o espirito e doutrina do methodo João de Deus, de certa maneira estabelece a orientação lógica e sensata que se deve seguir na educação do povo portuguez. E só isso seria motivo de facilidade para a sua generalisação, se mais nada valesse.

De resto, vejamos por algarismos até onde se poderiam estender os seus serviços.

Dois mil professores ambulantes, realisando cada um, **por anno,** duas missões de cinco mezes em duas freguezias de um concelho, **ensinariam a ler e a escrever,** conforme os nossos resultados obtidos (calculando a 25 alumnos por missão), **100:000 analphabetos,** approximadamente. Pagando-se a cada professor a quantia de 330$$000 réis annuaes, tinhamos a despeza total de **660:000$000 réis.** D'esta fórma pratica, estaria necessariamente vencida, no fim de 30 annos, a campanha contra o analphabetismo.

Façamos, porém, um calculo mais modesto — que é o que constitue precisamente **o nosso actual plano de acção:** — "um professor e uma bibliotheca popular em cada concelho, tendo na respectiva séde, organisada e delegada da direcção, uma commissão auxiliar de propaganda e fiscalisação dos serviços das Escolas Moveis e de assistencia aos alumnos pobres „.

Nos 290 concelhos de Portugal realisar-se-hiam **580 missões;** ficariam sabendo ler e escrever, em cada anno, uns **15.000 individuos;** e as despezas orçariam por **cem contos.**

Estabelecidas as bibliothecas populares ambulantes (que este anno se vão iniciar, aproveitando os professores como portadores de obras de vulgarisação, previamente seleccionadas) e feitas leituras publicas, aos domingos e dias santos, com o auxilio de projecções luminosas, para dar uma noção de progresso áquelles que não sabem nem é provavel que venham a saber ler, ---- a acção transitoria das Escolas Moveis completa-se e torna-se perduravel pela creação dos *Jardins-escolas* ---- typo portuguez de escola infantil ---- o primeiro dos quaes se instituirá brevemente em Coimbra.

Mas para se levar longe e a resultados sensiveis toda esta vastissima obra, principiada ha 27 annos por Casimiro Freire, é indispensavel o appoio moral e material do paiz inteiro.

N'este momento, a nossa Associação conta, residentes em Lisboa, provincias, ilhas, Africa e Brasil, cerca de 2.000 socios. E apenas 19 Commissões Auxiliares, organisadas respectivamente em 19 concelhos.

No sentido, pois, de dar a mais ampla realisação ao plano acima exposto, pede esta direcção a V. Ex.ª que, empregando todos os moios ao seu alcance, faça propaganda do conteúdo da presente circular. E dirige-se-lhe especialmente confiada em que obterá a sua inscripção de socio d'esta collectividade, e bem assim a inscripção de outras pessoas, em quem reconheça, indistinctamente de qualquer feição politica, verdadeiros sentimentos civicos e espirito liberal.

Lisboa, 20 de Outubro de 1909.

PROVINCIAS

Lagos, 7

Do *Correio do Algarve,* que se publica n'esta cidade, extrahimos o seguinte:

Igualdade brava...

Vamos narrar aos nossos leitores um facto aqui succedido ha dias e que bem mostra a noção de *Igualdade* que teem *certos autocratas,* encadernados de *demagogos:*

"Um livre pensador d'aqui, querendo registar civilmente 3 filhos seus, e precisando duas testemunhas, convidou o filho d'um honesto e honrado commerciante d'aqui, e um tal sr. *doitor, de-formado* em Coimbra, e vulto prestigioso do partido republicano local. Pois muito bem. O 1.º acceitou, ao passo que o sr. *doitor* em nome da *Igualdade,* que tanto proclamou e defendeu nos comicios, em Espiche, Luz e *mais partes,* em defeza da sua candidatura a vereador municipal, pediu immensas desculpas de não acceitar, allegando que a outra testemunha, não era *pessoa de representação social* como s. ex.ª!!!

E haverá ainda em Lagos. quem acredite nos sentimentos *democraticos* de semelhante . . . *aristocrata!!!*

O honesto e honrado commerciante é Antonio da Cruz Raymundo, um dos vereadores da camara municipal e, justiça se lhe faça, um dos mais limpinhos da camara, aparte a sua *grande intelligencia,* com a qual dotou seu filho mais velho convidado para padrinho do alludido baptiso. Esta creança, com barba á catraeiro, é o perfeito prototypo do palerma com presumpções a ter ares de Antonio José d'Almeida. O doitor *deformado* em Coimbra escusado será dizer-se que é o celebre dr. Ratto, tão novo ainda e tão fallado. Conseguiu o seu fim: tornar-se celebre. Em doitores não ha aqui mesmo ninguem tão deformado nem que se lhe approxime. Aprecie por aqui V., sr. director do *Povo de Aveiro,* os sentimentos democraticos d'este senhor e da grande corja republiqueira que o acompanha. Diga-me se isto são republicanos, se merecem tal nome, se teem alguma coisa d'isso. A grande corja! D'onde lhe veio a aristocracia, ao doitor? D'onde lhe veio o sangue azul que lhe corre nas veias? Vir-lhe-ha do pae, que era sapateiro? Aliás um bom caracter, que degenerou no filho? Vir-lhe-ha do tio Joaquim Caldeira, ferrador? Grandissimo pedante! Digno chefe do partido *republicano* de Lagos como o partido republicano é digno d'elle! O tio Jeroimo, o hypocrita, esse está muito satisfeito porque quando morrer, diz elle, já sabe quem deixa cá no pessoa do sobrinho. O doitor até ha pouco não conhecia os parentes, mas quando precisou de votos logo se lembou do tio ferrador, que o que devia fazer era dar-lhe com um bom marmelleiro por ver que só n'essa occasião é que o sobrinho conhecia o tio. E a proposito de pedantice lembra-me o dr. Cataplasma, o pharmaceutico prodigio muito amigo do doitor Rato mas mais esperto do que este, honra lhe seja. O Cataplasma foi aqui substituto do juiz de direito, talvez nomeado por engano. O que imagina V. que aconteceu com este senhor? Teve uma scena de pugilato com um advogado porque este, nos requerimentos que lhe dirigia quando elle estava em exercicio, não punha *Ill.mo e Ex.mo Senhor Juiz de Direito,* mas simplesmente *Ill.mo e Ex.mo Sr.* Já V. vê de que laia são estes pedaços d'asnos.

—A firma Buiças, Rato, Espanta-mortos, Précuras, Vae-alta, Larussa e quejandos anda azafamada em saber quem é aqui o correspondente do *Povo de Aveiro.* O remedio é facil — queixarem-se, como alguns dizem. Não ha duvida. Se não teem dinheiro é-lhes muito facil arranja-lo. O Précuras pede-o ao dr. Braklamy. O Espanta-mortos pede-o ao correligionario Azevedo á conta de 100$000 réis que lá tem. O Rato pede ao tio Jerolmo que o peça aos herdeiros da D. Maria Judice. O Vae-alta vende os pares de meias e os capotes que por esquecimento trouxe da vida militar. E alguns outros correligionarios vão obte-lo á batota.—E conseguem o que desejam.

— O nosso major Bibió (assim lhe chamam porque diz elle que quando esteve em Africa matou á dentada um tigre bibió) foi a Lisboa. E' dos taes que proclamavam bem alto, a ponto de se tornar notado, que os tiros no rei tinham sido bem empregados e outras baboseiras proprias da sua intelligencia. Iria agora em Lisboa cumprimentar o amigo *Vitaro,* como elle diz?

— Veio para aqui ultimamente um 1.º sargento d'artilharia, transferido de Lisboa para Elvas quando foi do 28 de janeiro, e depois transferido para aqui, sua terra natal, em recompensa aos seus bons serviços. Este sujeito com todo o descaramento apregoa a revolução e a dynamite, faz gala em ler o *Mundo* pelo meio da rua chegando mesmo a entrar com elle no quartel. E assim vamos!

—†—

Lagos, 19

Felicito v. por ter terminado os dias da Torre de S. Julião e ter regressado a sua casa para continuar á frente do *Povo de Aveiro* que cada vez se torna mais necessario. Tive muita pena de V. não ter publicado a ultima correspondencia, que lhe enviei para a Torre. A quadrilha aqui está repugnantissima e cada vez requer mais correctivo. O nome de v., como pode suppor, é aqui odiado por ella. O que imagina v. que elles fizeram ultimamente? Como tiveram conhecimento da prosa do *Maduro,* pediram-lhe uma quantidade de jornaes e andaram a distribui-los. E quem suppõe v. que seja o enthusiasta d'essa distribuição? O *Vae-alta,* o gatuno de capotes que nem por um instante devia ser empregado do commercio. O homem aproveita os epithetos infamantes do *Maduro* contra v. Um pulha d'estes que antes d'apoiar os insultos contra os outros se devia lembrar *d'alguem muito chegado;* do marido e cunhado d'esse alguem. *Ficou tudo em casa!* O *Précuras,* que é assim alcunhado porque quando foi fazer exame de sargento lhe fizeram uma pergunta a que não deu resposta allegando que não sabia responder a essas *précuras,* — veja de que jaez é este burro que fizeram presidente da commisão municipal, este burro que nem sabe escrevor — o *Précuras* acompanha o *Vae-alta* na propaganda contra v. E' um devasso que se tornou celebre pela metralha que costuma disparar aos cantos das ruas sem attenções por pessoa alguma sendo conhecido por uma outra alcunha que aqui não posso reproduzir. Com a metralha d'este correligionario estão aqui bem os republicanos, pois não precisam de mais que o *Précuras* para dar a salva presidencial no dia do advento! Seria par isto que elegeram o homem presidente da commissão? Talvez, mas para a salva ser mais estrondosa é necessario que o Zé Costa, o *Cambão,* o homem do *livro negro,* que tambem é eximio na metralha e tambem, como o outro, muito bruto, embora não passe d'isto. coitado, é necessario que o Zé Costa acompanhe o *Précuras.* Veja v. a qualidade d'esta gente, que só se tornou celebre pelas alcunhas! Ao *Espanta-mortos* custou-lhe muito, coitado, falaram-lhe no cãosinho. Mas não tem que se maguar, o amigo Azevedo, o cabo 7 e outros é que teem a culpa. Em compensação o homem anda agora com mais furor na limpeza da cidade. Já se vêem menos montes d'estrume pelas ruas. Parece caminhar *isto* melhor. E' possivel que o bicho da seda tirasse o tempo ao homem, ou então passou a ser auxiliado pelo outro correligionarto, o da *fina flor de Lagos,* um dos que respondeu como supposto assassino. Parece que o homem tem superintendencia nos serviços da camara. Ao que se diz mette lá o bedelho de grande. E' um homem de vistas largas! Chama cynicos aos padres, mas elle é tão cynico como os padres todos sommados e multiplicados. Não se lembra aquelle menino de que teve na familia alguns padres e bem chegados!

O mestre *Jerolmo* anda cabisbaixo. Parece-lhe impossivel que nem elle escapasse ao *Povo de Aveiro.* Já se não lembra dos progressistas que o levantaram ligando-lhe considerações que não merecia e que mais tarde atraiçoava vindo contar aos republicanos o que se passava no centro progressista. Tenha paciencia, ha-de levar ainda mais que é para elle e o sobrinho querido não andarem a apregoar moralidade quando a não teem e é para quando o tio Jerolmo morrer saber quem deixa cá na pessoa do sobrinho, como elle diz ás vezes, depois d'algumas inconveniencias do mesmo *doitor,* que são muito frequentes. O *Caquinha* esse tem tido grandes pesadellos com o padre Veiga. N'um dos ultimos pesadellos creio que veio á baila o Centeno, *o tiro dissimulado.* Emfim, o homem quando accordou ia endoidecendo.

A' ultima hora.

A camara municipal de Lagos transformada em curral de concelho.

No dia 18 foi encontrado na cidade, á noite, *um porco vadio.* Que imagina v. que fez esse empregado municipal? Encurralou-o no edificio da camara para acompanhar os vereadores em vez de o levar para o curral do concelho. O bicho, segundo affirmam, esteve de janella admirando a bahia, e tambem me affirmam, o que não custa a acreditar, que deixou na sala *bons presentes!* Deus os fez, Deus os juntou!

E, para finalisar: o *Vae-alta* andou pela praça do Gil Eannes a espalhar. . . as historias do Ambrosio, o cocheiro da viuva Ferreira. Parece que vae pedir a reproducção ao Maduro. Se este não lhe fiser a vontade, então não ha remedio senão pedi-la eu ao *Povo de Aveiro.* E elle, sr. redactor, que é interessante!

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Haveneza Central, Praça de D. Pedro, 59; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; João Duarte, rua do Campo de Ourique, 95, 97; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira. Tabacaria Viegas, Rua dos Royaes de S. Bento, 102 104.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria Vieira da Cruz, rua de Santo Antonio; Kiosque da avenida superior da ponte de D. Luiz I; Tabacaria Alberto Ferreira, rua Alexandre Herculano, 256. Carlos Alberto Guimarães, Rua formosa, 251.

Mattosinhos—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens 100

Coimbra — Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto.

Alcobaça—Antonio Vazão.

Gouveia—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp

Cabeção—Luiz Vieira da Silva.

Portalegre—João Gervasio Coelho, Largo da Sé.

Vendas Novas—Joaquim Maria de Andrade—*o Varino.*

Setubal—Manuel Tavares.

Arronches—Miguel Maria.

Espinho—Kiosque Reis.

Molta do Ribatejo—João Baptista Mouro.

Vizeu—Kiosque do Rocio.

Chaves—Annibal de Barros.

Villa Real — Agencia de Publicações de Antonio de Neutel C. da Mesquita.

Mangualde — Bento d'Almeida Campos.

Monte Estoril—Gare.

S. Pedro do Sul—José Augusto d'Almeida.

Fáro—Francisco Matheus Fernandes.

Evora—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21.

Cascaes—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea.

Villa Nova de Baronea—José Custodio Figueiredo.

Cortegana, Alemquer—João dos Santos Pereira.

Reguengos de Monsarás — Antonio João da Cunha.

Paderne—**Algarve**—Antonio Anacleto d'Oliveira,

Torres Novas—João Rodrigues Senticiro.

Amareleja—**Moura**—Manuel Frade.

Castello Branco—Vende-se pelas ruas.

Montemór o Novo—Fortunato Reinato.

Tondella—Mario do Carmo.

Pedrogam Grande—Adelino Lourenço. dos Santos.

Idanha a Nova—Christiano Pereira Barata.

Guimarães—Antonio Araujo Salgado.

Braga—José Gomes da Silva, Campo de S. Thiago, 24.

Taboa—Francisco da Costa Carvalho.

Monsão—João da Silva Guimarães.

Figueiró dos Vinhos—Antonio Augusto Brito.

Pinhel—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres

Vianna do Castello—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho.

Lamego—Joaquim Valente.

Castello Novo (Beira Baixa) João Pereira dos Santos

Elvas—Luiz Samuel da Silva.

Povoa—José Couto Segundo,

Agueda—Leonel da Silva Canario.

Covilhã—João Pedro Saraiva.

Figueira da Foz—João Palhas, Mercado n.º 8.

Santa Cruz da Graciosa—Antonio Ernesto Esteves.

Fundão—Manuel Gonçalves.

BRAZIL

Rio de Janeiro— Centro de Publicações de Gianlorenzo; Schettino, Travessa do Ouvidor.

Manaus—Agencia Freitas.

Belem do Pará—Centro de Publicações.

LOTERIA
DA
Santa Casa da Misericordia de Lisboa
200:000$000 réis
Extracção a 23 de dezembro de 1909

Bilhetes a .... 80$000 réis
Vigesimos a .. 4$000 réis

A thesouraria da Santa Casa incumbe-se de remetter qualquer encommenda de bilhetes ou vigesimos, logo que seja recebida a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao thesoureiro, á ordem de quem devem vir os vales, ordens de pagamento ou outros valores de prompta cobrança.

A quem comprar 10 ou mais bilhetes inteiros desconta-se 3 p. c. de commissão.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 8 de novembro de 1909.

O thesoureiro,
L. A. de Avellar Telles.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA
— DE —
Albino Pinto de Miranda
LARGO DE MANUEL MARIA
AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Serviços completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e extrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chouriços do Alemtejo e banha da terra, *Chumbo, cartuchos e mais appetrechos para caça,* corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc., etc., etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS. A DUZIA e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

Tinturaria a vapor

Nettoyage et Degraissage à sec, de *tous les vêtements et ameublements*

Tinge e limpa sem desmanchar todos os artigos de vestuario e mobiliario.

LA PARISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS.
Limpa e tinge *luvas, tapetes reposteiros.*

Fabrica e Escriptorio—**Rua Costa Cabral, 489**—PORTO.
SUCCURSAL
383—Rua Formoza—385
[Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL]

TRABALHOS COMMERCIAES

Typographia a vapor
DE
O POVO DE AVEIRO

Bilhetes de visita desde 400 réis o cento

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa *Bauer & C.º,* de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa *Bauer* e da casa franceza *Turlot,* orlas e vinhetas decorativas *Turlot, Berthol,* de Berlim, e de *Klinkardt,* de Leipzig, machinas de impressão, de picotar, de aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães *Albert & C.ª,* de Frankenthal, *Ingenfrost,* de Leipzig, *Dietz & Listing,* de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a côres, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, taes como: livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de loja, memorandums, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a **Francisco Manuel Homem Christo,** *proprietario, director e administrador de* **O POVO DE AVEIRO.**

RUA D'ARNELLAS—AVEIRO

HOTEL CYSNE
Boa-Vista

RUA DA ALFANDEGA (Junto á Ria
AVEIRO

Proprietario-Gerente
ANTONIO SIMÕES PEIXINHO

Este antigo e bem conceituado hotel, installado em casa propria e sito em um dos locaes mais apraziveis da cidade, recommenda-se pela seriedade e aceio do tratamento.

Contracto especial para hospedes permanentes

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

TRENS AOS PRINCIPAES COMBOIOS

Endereço telegraphico:
Hotel Cysne—AVEIRO